

DIVISÃO DE PLANEJAMENTO E APOIO AOS COLEGIADOS

Documento: [111924251](#) | **Ata**

Ata da 43ª Reunião Plenária Extraordinária do CADES

Data: 02/10/2024

Duração: 2 horas, 31 minutos e 18 segundos

Local: Online via Microsoft Teams

PAUTA

· Discussão sobre a “Emergência Climática na cidade de São Paulo”

PARTICIPANTES

Mesa Diretora

· Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário

· Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Secretário Adjunto

· Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC

· Rute Cremonini de Melo - Secretária Executiva - SVMA/CGC/DPAC

Assessores

· Sérgio Eduardo Hatsumura Hanasiro - Assessor

Autoridades convidadas

· José Renato Nalini - Secretário de Mudanças Climáticas

· Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas

Conselheiros(as)

· Lígia Palma de Barros Latorre Lobo

· Marcos Antônio Santos Romano

· Oliver Paes de Barros de Luccia

· Giovanna Estevam Saquietti

· Guilherme Iseri de Brito

· Janaina Soares Santos Decarli

· Douglas de Paula D’Amaro

· Fernanda Lanes Aguiar Cesar

· Magali Antônia Batista

· Patrício Gomes Moreira

· Cláudio de Campos

· Licia Mara Alves de Oliveira Ferreira

· Marcia Ramos dos Santos

· José Carlos da Silva Paludeto

· Alexandra Viegas Oliva

· Rosélia Mikie Ikeda

· Juliano Ribeiro Formigoni

· Gilson Gonçalves Guimarães

· Carlos Alberto Maluf Sanseverino

· Célia Regina Buono Palis Poeta

· Gilson Gonçalves Guimarães

· Mario Luís Fernando Albanese

· José Ramos de Carvalho

· Teresa Cristina M. da Silva

· Fanny Elisabete Moore

· Maria de Fátima Saharovsky

· Celina Cambraia Fernandes Sardão

· Marcelo Rebelo de Moraes

Ouvintes

· Luciana Feldman - Chefe de Gabinete - SECLIMA

· Fábio Pedó - SVMA/CPA

· Tatiana de Vasconcelos M Paz - SVMA/CPA

· Débora Cristina Santos Diogo - SVMA/CPA

· Bruna Dallaverde de Sousa - SVMA/CPA

· Caroline Kerestes - APGAM

TRANSCRIÇÃO AUTOMATIZADA

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Bom dia a todas as conselheiras e conselheiros, demais presentes, secretário Naline. Na qualidade de presidente da mesa, eu Rodrigo Pimentel Pinto Ravena, secretário do Verde Meio Ambiente da Cidade de São Paulo, dou início, declaro aberta a 43ª Reunião Plenária Extraordinária do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Cidade de São Paulo, CADES. Convocada nos termos do artigo 8º do Regimento Interno, Resolução CADES 140 de 2011, que se realiza na data de hoje, 2 de outubro de 2024, quarta-feira, às 10 horas e 11 minutos, no meu relógio, de forma semipresencial, no primeiro andar dessa Secretaria, e por meio da plataforma Teams. Então, passo agora a palavra para a Coordenadora-Geral do CADES, Sra. Liliane Arruda.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada secretário Ravena. Bom dia a todos os conselheiros e conselheiras aqui presentes. Iniciemos hoje a nossa reunião extraordinária, solicitada pelos nossos conselheiros, o senhor José Ramos e a senhora Fanny, que na última discussão que tivemos, eles acharam a pauta muito importante. Então, com o acolhimento de todos os conselheiros e conselheiras, nós aprovamos, na última reunião, a 43ª Reunião Plenária Extraordinária do CADES. Então, aqui foram convidados para a pasta de hoje para o diálogo, foi o nosso secretário Rodrigo Ravena, o nosso secretário José Nalini, e com a chefe de gabinete, que é a Luciana, né? Seja bem-vinda, Luciana, na nossa reunião de hoje. E para a mudanças climáticas, a nossa sempre professora e mediação, a Laura, que é a nossa coordenadora do clima aqui da Secretaria do Verde. Então, o tema de hoje vai ser dialogado entre vocês, os senhores, é a emergência climática na cidade de São Paulo. Então, dessa forma, secretário Ravena, a palavra está com o senhor, está com o secretário Nalini e está com a Laura. E ao final da explanação do senhor, o Sr. José Ramos, ele quer mostrar algumas fotos. Então ele trouxe aqui para mim, o Sérgio vai colocar. Então, Sr. José Ramos, vamos combinar que você, a Fanny, e depois a fala do secretário Ravena, do secretário Nalini, e a Laura, com a mediação, aí o senhor entra com as fotos, está bem? Vamos combinar assim.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Vamos lá. Eu acho que o pedido da conselheira Fanny foi importante. É importante que a Prefeitura e esse Conselho, principalmente, tenha ciência do que a Prefeitura está fazendo. Eu acho que vocês têm uma noção geral do trabalho da Secretaria, do que a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente tem feito para qualificar o meio ambiente, para aumentar a área de cobertura vegetal, as medidas que a gente tem tomado de combate a incêndio, qualificação das espécies para compensação e reparação ambiental. Então tem uma série de medidas que já são de conhecimento desse conselho, eu acho. Mas por um dever de cordialidade como presidente, eu acho que quem deve começar a falar é o nosso secretário especial de mudanças climáticas, o secretário Nalini, que vem desenvolvendo um trabalho muito importante na frente da secretaria pioneira aí no Brasil, entre as primeiras a serem criadas, uma secretaria muito importante que faz a coordenação das ações de enfrentamento às mudanças climáticas na cidade de São Paulo. Naline, por favor.

José Renato Nalini - Secretário de Mudanças Climáticas: Obrigada, meu querido secretário do Verde e Meio Ambiente, Rodrigo Ravena, dona Liliane. Esta secretaria mostra a preocupação do prefeito Ricardo Nunes com esse tema porque foi a primeira cidade do Brasil a contar com uma secretaria exclusiva para cuidar daquilo que se chamava mudança climática até há pouco e que passou a ser evidentemente emergência climática. Eu acho que todos têm visto que até o mais otimista dos nossos cientistas, o prestigiado Carlos Nobre, ele fez um alerta esta semana de que a situação é muito mais trágica do que a ciência previu. Os cientistas são sempre tímidos, eles se utilizam de uma linguagem técnica, e como o alarmismo foi bastante combatido há algumas décadas, eles foram discretos, foram cautelosos, mas eles previam um aquecimento global de 1,3 graus. Não imaginavam que a temperatura explodisse e superasse 1,5 grau. Isso faz com que os fenômenos extremos que estão acontecendo em todo o mundo, inclusive no Brasil, sejam muito mais intensos, mais frequentes, e não se pode dizer que sejam inesperados. Tudo é esperado porque não são desastres climáticos, não são desastres naturais. São a consequência de séculos de insensatez do uso dos recursos naturais e de maus tratos à natureza. Então, diante desse quadro, a Secretaria faz aquilo que é possível e que parece bastante, diante de uma situação peculiaríssima, como a maior cidade brasileira, uma das maiores do mundo, mas que é uma conurbação de mais de 12 milhões de pessoas e consideradas as cidades que já são contíguas e já emendaram a São Paulo, nós temos mais da metade da população do estado concentrada numa mesma área. Uma área que vê a escassez hídrica com uma gravidade que parece não ser conhecida pela população. Ela é conhecida pelos cientistas, ela é conhecida pela Prefeitura, que talvez seja a única a fazer alguma coisa em defesa das águas. Nós temos essa operação integrada em defesa das águas, que resulta de um convenio com o Estado. O Estado entra com a Polícia Militar Ambiental, mas nós sempre temos assim de apelar a Polícia

Militar Ambiental para que ela forneça os quadros necessários e a argumentação em resposta é de que a Polícia não tem apenas o município de São Paulo, mas tem 39 na região e tem de atender a todos equitativamente, sem considerar que São Paulo é algo que merece uma atenção especialíssima, singularíssima diante da sua dimensão. Essa operação integrada em defesa das águas, ela tenta fazer com que as invasões na área dos mananciais sejam congeladas, mas isso é praticamente impossível. Primeiro porque a área é muito grande, segundo, porque a chegada de pessoas é incessante, é um trabalho que não tem interrupção, nem à noite, nem em fim de semana. O que representa isso? A região dos mananciais já teve mais de mil córregos e nascentes assoreadas. A água da represa já está contaminada, o Instituto de Engenharia já mostrou que tem esgoto in natura, jogado por onze afluentes e pela população que ocupa as margens da represa. O sistema de tratamento não consegue eliminar resíduos de antibiótico, anticoagulante, antidepressivo, anticoncepcional, cocaína e partículas de plástico, além de outros ingredientes como chumbo, mercúrio. Tudo isso está sendo consumido pela população. Não se vê por parte do governo federal e infelizmente nem do governo estadual uma preocupação compatível com essa situação que é a cada dia mais grave. Nós precisaríamos envolver todos os setores desta megalópole, este gigante que é este conjunto de pessoas que dependem da água. A Guarapiranga é a única represa, é o único reservatório abastecido com mananciais locais, paulistanos, já que o sistema Cantareira é abastecido com água de extrema, que é de Minas Gerais. Os ufanistas, os otimistas, dizem que nós estamos em ciclos de cada 11 anos. Lembrando que em 2013 e 2015 nós tivemos uma crise hídrica que forçou racionamento, rodízio no fornecimento de água, sanções. Mas a situação hoje é muito mais grave. A represa está bem assoreada, já não tem a profundidade que deveria ter, o uso de substâncias químicas para tentar fazer com que a água lembre aquilo que ela deveria ser, o líquido inodoro insípido incolor, é cada vez maior e nós não temos ainda uma resposta científica para o que significa esse consumo de água que é essencial à manutenção da vida. Então, aquela preocupação mais sensível por parte da SECLIMA é a operação integrada em defesa das águas. Ela entra com tudo que ela tem, que é pouco, porque é uma secretaria desprovida de todos os recursos, ela é uma secretaria de articulação, mas não há a colaboração no nível necessário, principalmente por parte daqueles setores que faturam bastante em São Paulo, que é um centro econômico, um centro nervoso de São Paulo. Aqui muita gente tem lucro, mas eu não vejo devolução à cidade de um pouco mais do que pagar tributo e ter um departamento de ESG no conglomerado empresarial. Uma segunda operação que a SECLIMA faz é a chamada COMFROTA, que é a tentativa de descarbonização. Nós temos três vilões que envenenam São Paulo, emitindo o excesso de gás carbônico e de outros componentes que fazem mal à saúde e abreviam a vida, além de comprometer a qualidade existencial de todos os vivos, o transporte é o primeiro. Então, mais de 60% dos gases causadores do efeito estufa provém da enorme frota que é superior a 8 milhões de veículos, 13.300 ônibus, 2.200.000 motocicletas, quase tudo isso abastecido com combustível fóssil. Mesmo os proprietários de carros flex, eles preferem abastecer com gasolina, porque argumentam que a gasolina dá maior potência, maior velocidade ao veículo e deixa o etanol de lado, que seria uma solução tipicamente brasileira. Nós deveríamos ter só frota abastecida etanol e caminhar gradualmente para a eletrificação. A questão do transporte, como os senhores sabem, ela não está totalmente afeta à competência do município. Embora o município seja uma entidade da federação, é a União quem detém o controle do transporte, assim como tem o controle da energia estacionária, que é o segundo vilão. A Prefeitura, no seu projeto de eletrificação, por exemplo, na promessa de 2.600 novos ônibus elétricos, hoje nós temos 400, entre ônibus elétricos e trólebus, esse projeto enfrenta todo tipo de dificuldades provenientes da burocracia federal, das agências reguladoras, os óbices que são postos fora da autonomia, da vontade da Prefeitura do município. Mas a Prefeitura, por exemplo, ela está tornando elétricas as viaturas da Guarda Civil Municipal, está fazendo com que os coletores de resíduos sólidos sejam também movidos à eletricidade e adotando todas as providências para que essa parcela considerável da frota de ônibus também seja eletrificada. Lutando contra aquilo que o setor da eletrificação fala que é boicote daquelas empresas que produzem os veículos tradicionais movidos a combustível fóssil e lutando contra essa veiculação de notícias de que é perigoso o veículo elétrico, o que fazer com as baterias, o perigo de incêndio e tantas outras pseudoverdades ou falácias que antecedem uma mudança. É sempre assim, o setor que não quer perder, ele usa de todos os artifícios para impedir que a mudança se estabeleça. A COMFROTA, então, ela trabalha nesse sentido. A Prefeitura também, através da SECLIMA, que tem um PLANCLIMA com 54 ações, 43 estratégias, está em plena execução. Ela tenta também fazer com que os edifícios municipais não sejam subordinados à aquisição da energia tradicional, da eletricidade tradicional. Mediante a utilização de placas voltaicas, nós temos um convênio com a Prefeitura de Copenhague que permite que gradualmente todos os equipamentos municipais sejam adaptados e não dependam da energia convencional. A Prefeitura também adota as iniciativas para recorrer ao mercado livre, porque o monopólio de uma só concessionária nem sempre é vantajoso. Uma concessionária, de quem eu ouvi, de cujos representantes eu ouvi, que árvore é alguma coisa que nasce para cair em cima da fiação elétrica e que não se convence de que a fiação deve ser subterrânea, como acontece nas cidades realmente civilizadas. Ainda há pouco comentava com o meu querido secretário Ravena que eu recebo denúncias de que a ENEL faz, não podas, ela faz mutilação, ela acaba com as árvores em nome da fiação elétrica, que é esse quadro tão (som ininteligível) na cidade, em cada esquina um emaranhado de fios, que mostra ainda o nosso pouco apreço a uma eletrificação subterrânea. Um terceiro foco de

atuação e um projeto que a SECLIMA coordena e leva a sério é a questão do plano de prevenção de chuvas de verão. São Paulo sempre teve intensas chuvas de verão. E como nós sacrificamos a natureza, a nossa ocupação sem planejamento durante séculos fez com que os rios que serpenteavam por este planalto e que tinham várzeas, além de piscosas, hospedavam uma vegetação luxuriante, exuberante. Nós fizemos dos nossos rios canais de condução de esgoto in natura, substâncias químicas despejadas por indústrias irregulares e clandestinas e de toda imundice que a população joga nos rios. Então o rio Tietê, por exemplo, não é mais rio. Ele é um canal fétido de sujeira, onde se alguém cair, vai ficar contaminado, talvez pereça, em virtude do grau de deterioração desse líquido que já foi água. Começa como água em Salesópolis, mas quando chega em São Paulo, ele é algo venenoso. E a SOS Mata Atlântica divulgou há duas semanas que a mancha de poluição do Tietê cresceu nos últimos anos, chega a 207 quilômetros. É um crime que nós cometemos em relação ao Tietê. Esse é um exemplo. Nós enterramos milhares de cursos d'água, córregos, riachos, nascentes, para fazer uma cidade que é a cidade para o automóvel, o veículo mais egoísta que existe sobre a face da Terra. Um só condutor, ocupando um espaço, fazendo um trânsito infernal e emitindo gases venenosos que vão, aos poucos, fazendo com que a vida tenha menor duração do que aquilo que seria necessário, previsível. Então, esse plano de prevenção de chuvas de verão fez com que o prefeito investisse mais de 10 bilhões entre 2021 e 2024 para fazer uma série de operações de macrodrenagem, limpeza e retificação de córregos, desentupimento de bueiros, edificação de muros de contenção e de arrimo para não haver desmoronamento, ilhas de chuva, essa maravilhosa invenção que devolve, ainda que em reduzidas dimensões, um pouco do espaço subtraído ao solo e ali faz com que surjam plantas, vegetações e isso faz com que a água que cai numa cidade impermeabilizada e que vai ganhando força transformando as enxurradas em correntezas que vão levando tudo o que encontra pela frente, causando inundações, enchentes, alagamentos, a água tenha, aos poucos, em parte, um espaço para infiltrar, voltar, abastecer o lençol freático e o aquífero cristalino, que é aquele que não serve, não é o Guarani. Então, em virtude dessas providências, também a construção e o aprofundamento de piscinões. Particularmente, eu acho que piscinão não deveria existir, deveria ser uma área verde, mais um jardim, mais um parque. Mas, por enquanto, é um paliativo. Os piscinões seguram a água, represam enquanto ela tem condições de se infiltrar, que ali é terra, até que a natureza volte a não castigar o bicho homem que a maltratou tanto e a quem ela está hoje respondendo. Em virtude dessas providências, além de fazer com que os equipamentos que bombeiam a água nos túneis, isso funcione para que haja uma solução bem rápida do acúmulo de água, tudo isso evitou que entre novembro de 2023 e abril de 2024, São Paulo tivesse uma só morte por afogamento ou por desmoronamento. É um grande tento. É evidente que tudo isso que foi investido em obra que não é bombástica, que não ganha manchetes, não é noticiado, não é até observado pela sociedade, mas é dinheiro da população utilizado em favor da vida e em favor de fazer cidades mais resilientes, cidades que tenham hoje adaptação, nem se fale mais em mitigação, atenuação, mas uma adaptação da cidade para os fenômenos que vão ocorrer. Aquilo que aconteceu no Rio Grande do Sul vai acontecer em São Paulo, talvez até com maior intensidade, porque as coisas estão ficando cada vez mais trágica no mundo inteiro. É só verificar os jornais dessa semana o que tem acontecido no mundo em termos de inundação, em termos de furacão, ciclone, seca e precipitações pluviométricas muito drásticas. A secretaria tem feito muito sem muito alarde, o nosso drama ou a nossa aflição é que a sociedade civil parece não se importar com a emergência climática. São muito poucos aqueles que têm consciência de que esse é o maior perigo que ronda a humanidade. Não é a guerra no Oriente Médio, não é a guerra na Ucrânia, não é a hegemonia chinesa, não é a energia nuclear, não. É a emergência climática. Eu gosto sempre de lembrar o que foi esquecido, mas em 1992 foi a maior COP já realizada. Nunca houve um número tão grande de chefes de estado comparecendo a um lugar para discutir o futuro do mundo, como no Rio de Janeiro, em 1992. Isso foi lembrado ontem pelo nosso querido Fábio Feldman, num curso para magistrado sobre emergência climática. Aliás, a Liliane estava lá e ouviu. Foi a maior reunião já promovida pela ONU.

E nessa reunião estava presente Mikhail Gorbachev, o autor da Perestroika, da Glasnost, a quem o mundo deve a queda do Muro de Berlim e uma nova fase na geopolítica universal. Ele disse o seguinte, a humanidade tem 30 anos para mudar seus hábitos de consumo. Se ela não mudar, não é a Terra que corre perigo. A Terra vai continuar a existir. Só que ela vai prescindir da espécie humana para continuar no seu trajeto, do qual nós não vamos mais fazer parte. Eu acho que esse é o grande desafio, além do enfrentamento das emergências climáticas, é fazer as pessoas saberem que nós estamos dentro de uma panela de pressão. Enquanto a água está morninha, a gente vai nadando e achando gostoso. Mas a água vai ferver. E aí? Liliane, era isso, querido Ravena, era início. É lógico que a secretaria tem muito mais coisas para contar, mas eu não quero monopolizar o tempo aí. Estou à disposição para aquilo que eu puder responder.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Obrigado, Naline. Eu acho que, como sempre, a exposição clara, direta, precisa. Eu acho que os pontos principais aí eu vou pedir para a Laura complementar um pouco com o que a gente está fazendo aqui na Secretaria, mas acho que os pontos principais, e talvez o principal, seja conseguir um maior envolvimento da sociedade civil com relação a consumo, a formas mais sustentáveis de sobreviver e entender um pouco que o ambiente urbano é um pouco mais complexo do que olhar para simplesmente ações pontuais do poder público. As ações do poder público são importantes, são essenciais, indutoras de consumo e coisa e tal, mas é necessária

uma ação conjunta, quer dizer, toda a sociedade tem que entender que a emergência climática está dada, ela está aí. Se ninguém percebeu, que eu acho que todo mundo que está nesse conselho percebeu, mas é uma coisa que eu falo todo dia para quem eu encontro pela primeira vez, bem-vindos ao deserto. Nós estamos quase no Atacama aqui, temperaturas muito altas durante o dia, temperaturas muito baixas durante a noite e seco. Isso é resultado de uma ocupação desordenada da cidade e a gente está tentando agora, está trabalhando para, como o Naline me falou, adaptar a cidade. De mitigar a gente é muito bom, consertar o que estragou a gente conserta. Talvez não da melhor forma, como se fez até agora, mas a gente está no processo ou incorporando a ideia de adaptação da cidade, traçando os planos e projetos ambientais da Secretaria para a adaptação e resiliência da cidade. Mas eu não vou ficar falando não, vou deixar a Laura falar um pouco também. Obrigado. Laura, é com você.

Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas: Obrigada, secretário. Bom dia a todos. É um prazer estar aqui com vocês num papel que é mais ou menos de mediação. E agradeço as palavras do secretário Nalini. E abordando, vamos dizer assim, diretamente o tema da emergência, eu acrescentaria algumas questões. Por exemplo, O prefeito Ricardo Nunes assinou os decretos de desapropriação que vão compor uma área pública municipal de mais de 10% do território. Isso em termos de ação de um ente governamental é de uma estatura, de uma audácia muito grande. E, no entanto, se a gente pensar na garantia das águas para a nossa população, isso é muito pouco. No ponto de vista ainda da adaptação aos impactos da mudança do clima, a gente tem a situação de que nós temos uma distribuição de vegetação na cidade muito ruim, altas concentrações nas bordas norte e sul e pouca vegetação para trazer maior conforto térmico nas áreas urbanizadas. Nós temos muito pouca vegetação na área urbana propriamente dita. A emergência, declarar emergência climática implica questões que, por um lado, você declara uma emergência dentro de um território circunscrito e o município de São Paulo não é o único lugar que está tendo uma emergência climática. Também há toda uma regulação da gestão de recursos públicos durante emergências que libera o uso desses mesmos recursos sem os cuidados tradicionais da gestão dos recursos públicos. Então, a declaração de uma emergência é sempre algo problemático. Mas, nesse contexto, eu vou até exemplificar aquilo que acontece na União Europeia, e o exemplo de Portugal é prático porque é só ir lá e ler a lei que eles têm. Está em português. Eles declararam emergências climáticas, destacando que não se trata aquela emergência que libera os recursos públicos e estabeleceram lá suas regras para o enfrentamento, mas em nível de país. No caso, posto que a emergência climática é planetária, unidades territoriais, por exemplo, como municípios, fica uma coisa meio desconectada do todo, porque a emergência é maior. Outra questão que eu acrescento, aquilo o Ravena e o secretário Nalini disseram, na Organização das Nações Unidas, tem lá, quem for no site do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, tem todos os fatos que justificam a emergência climática. O próprio André Gutierrez, ele falou este ano, no dia 5 de junho, ele usou a seguinte frase: "No caso do clima, não somos os dinossauros, nós somos o meteoro. Não estamos apenas em perigo, nós somos o perigo, mas também somos a solução". Então, só para dar uma ideia da dimensão do que seja a tal da emergência climática. Emergência climática, que eu acrescento um outro fator. Por exemplo, hoje, Israel negou a entrada do secretário-geral da ONU no território de Israel. Então, é só para dar uma outra dimensão para as questões que implicam esse enfrentamento. A Secretaria do Verde tem um corpo técnico que tem uma ampla tradição da gestão não apenas dos recursos naturais, mas também da participação na gestão do ambiente construído. Uma participação muito intensa, por exemplo, durante o desenvolvimento do plano de vetor, da lei de parcelamento, uso e ocupação do solo, porque não se trata apenas de uma emergência que afeta recursos naturais, mas também de emergência que afeta os recursos do ambiente construído. Então, eu acredito que são vários tipos de emergência que a gente precisa enfrentar. Terminando a minha intervenção, breve, lembrando aquilo que se chamou o Acordo de Glasgow para o metano. Por quê? Porque o metano é um gás de efeito estufa de vida curta. Ele fica na atmosfera entre 9 e 12 anos. E ele está sendo considerado a última janela de oportunidade da humanidade. Se a gente cortar o metano rapidamente, dado que ele tem vida curta na atmosfera, a humanidade ganha muita oportunidade no enfrentamento em outras frentes. E o metano, por exemplo, está muito ligado a uma competência municipal, que é a do lixo, dos resíduos sólidos e o processo de produção de metano em diversas formas de tratamento, mas principalmente aterro sanitário. Então é uma questão que, dada a extinção da AMLURB, ainda está em estruturação e é uma janela de oportunidade também que a Prefeitura de São Paulo pode ter no seu exercício de liderança do enfrentamento da emergência climática. Lili, acho que é isso. Secretário, não sei se acrescenta alguma coisa.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Eu acho que a gente pode... Lili, a gente fez um pano de fundo aí só para provocar aí o debate, a gente quer ouvir os conselheiros também, para que falem, perguntem, para que a gente possa debater aí um pouco.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Começou a travar aqui a internet, mas entendi o que o senhor falou. Então, assim, o senhor colocou uma posição, a Laura e o secretário Nalini. Então a gente abre só para pergunta. É isso que o senhor disse, né? Antes de a gente abrir para pergunta, eu vou passar a palavra para o Sr. José Ramos, que ele vai colocar duas imagens aqui, por favor. Ele está aqui do meu lado, aí ele vai dar

uma... Dois minutinhos José Ramos, por favor. E logo em seguida, Fanny, aí entra com você.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Melhorou agora?

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Agora sim, isso.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: O que eu tinha falado era que em tese nós fizemos um apanhado geral, eu, o secretário Naline e a Laura, coordenadora aqui de mudanças climáticas da secretaria, eu acho que a gente podia dar um ritmo para essa reunião que é um ritmo de ouvir e responder, debater e trocar ideias. Para que a gente não fique aqui só falando, eu só queria destacar que para além de tudo que a Laura falou e o Naline falou, a Prefeitura de São Paulo tem, além da compra de áreas de mata, a prefeitura também determinou que a sua própria frota não anda mais com outro combustível que não seja álcool. Então tem um decreto do prefeito desse ano com essa determinação. E compras sustentáveis, quer dizer, tem um monte de ações que o poder público está tomando como base naquilo que ele pode interferir diretamente. Mas, vou insistir, não é uma ação que dependa só de ações do poder público, mas vamos em frente.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: E eu concordo com o senhor, até ontem nós estávamos com o Nalini e foi debatido isso, secretário, que várias pessoas querem a árvore, mas não querem plantar na porta da casa, aquele dilema. Quer defender a árvore, mas não quer colocar na porta da casa porque suja a calçada e isso, aquilo. Então, eu concordo com o senhor que realmente a população, o setor privado e a parte do público têm que apoiar e tem que também ajudar. Não é só cobrar o poder público, né? Não é só nos cobrar aqui, e sim também nos ajudar.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Tem uma sigla aí. Acrônimo em inglês que é NIM, quer dizer não no meu quintal. Eu concordo com tudo desde que não seja no meu quintal. Essa cultura precisa mudar um pouquinho. Nós estamos aqui para ajudar. Vamos lá.

Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas: Lili, vou só acrescentar mesmo porque o quintal é o planeta, né Rodrigo?

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Isso, o quintal é o "planetão". Não tem planeta B. Tem muita coisa do B. Terra do B não tem, só tem uma.

Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas: Isso porque o nosso Rio Tietê está o primeiro, né? É o primeiro mais sujo do Brasil, hein? Que a gente discutiu ontem. Ficamos pasmos ontem. Está colocando aqui a imagem.

Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas: Só estamos vendo uma tela com o túnel da 9 de julho. Sem som.

José Ramos de Carvalho: Olá, bom dia. Bom dia, secretário, Nalini. Bom dia, secretário, Ravena. Bom, para quem não me conhece, meu nome é José Ramos de Carvalho, sou gestor ambiental, diretor da Associação Paulista de Gestão Ambiental. Bom, a gente já vem desde o ano passado discutindo e dialogando sobre as questões didáticas etc. Na condição de gestor ambiental, a gente pensa um pouco a cidade do ponto de vista prático. O que a cidade disponibiliza e o que a gente pode realizar. Eu, particularmente, já venho observando a questão do túnel 9 de julho, e aí construí um pouco da história, para quem não sabe, ele foi inaugurado em 23 de julho de 1938, que teve a presença do presidente Getúlio Vargas, Adhemar de Barros, que foi um trabalho do vereador Godofredo Silva Pérez. Teve o início de alguns nomes que são conhecidos nossos aqui na cidade, que percorrem a cidade. Em 1891, Joaquim Eugênio de Lima, que é aí que ele produziu o Belvedere Trianon. E teve a participação da equipe técnica, o engenheiro Alcides Martim Barbosa, o arquiteto Cristiano Stöckler, teve a contribuição de um engenheiro de origem italiana chamado Domingos Market, Messi. E teve um custo, na época e precisa ver hoje, de 17 mil contos. E a última reforma que teve, o Chafariz, agora a gente vai dizer especificamente do Chafariz, foi em 2015. Bom, quando eu observei agora o secretário Ravena falar do deserto, essa já é uma fala que a gente já vem falando aqui no CADES municipal. E, aliás, Ravena, eu já briguei um pouco com o Carlos Vasconcelos aqui, porque o (som ininteligível) também tem que sair para o CADES municipal. várias coisas que a gente observa depois na sociedade e que no (som ininteligível) não sai a figura do CADES e das pessoas que participam aqui. Vou dar o exemplo agora recentemente numa fala com a Dra. Magali, eu fiquei contente em saber que agora os noticiários falam de umidade relativa do ar, que nasceu aqui, das discussões nossas aqui e que agora até as próprias edições, Bom Dia São Paulo, já fala especificamente de umidade relativa. E no caso, agora vou mexer um pouco o secretário Nalini. No caso, secretário Nalini, esse chafariz, ele tem uma capacidade de girar 240 mil litros de água. Então, se nós temos aqui na cidade, como o próprio Ravena comentou, nós chegamos já a níveis de umidade relativa do ar em torno de 11%, e a gente precisa, traduzir eu enquanto gestor ambiental, educar a minha cidade. Esse é o trato. Quando a gente apresenta todo o chafariz, a capacidade dele e a passagem de tantas pessoas que ligam dois eixos, Zona Norte e

Zona Sul, de eles entenderem a reafirmação e o funcionamento de colocar ativo esse espaço. Além de ser um espaço extremamente turístico, porque nós estamos na borda do MASP e da Avenida Paulista, essa estrutura toda atualmente sucateada, eu estive lá pela manhã inteira observando, então seria um instrumento e outra, nós temos outros chafarizes espalhados pela cidade e que também estão sucateados e que podem ser reativados. Então essa é uma das sugestões que a gente coloca em termo prático para que se reative, porque ele possa contribuir com a questão de umidade relativa, baixando, porque o nosso, como disse o próprio secretário Naline, a nossa grande preocupação hoje, secretário, é o volume que nós temos de ar em asfalto, porque reduz a nossa capacidade. Se a gente já não tem uma quantidade de árvores suficiente, o mesmo acontece quando a gente tem um fogão embaixo das árvores, aquecendo e tirando toda a umidade em seu herbário. Eu vou pedir para o Sérgio seguir um pouco a foto aqui, só para vocês verem o aspecto que está hoje e aí seria interessante convidar a gente pessoalmente, todos nós, verificar, seria bem interessante nesse aspecto. Vamos ver se o Sérgio consegue traduzir e no final vou mostrar uma foto que certamente a professora Laura vai adorar, vai gostar muito. Dentro desse mesmo contexto aqui. Segue aí. Um pouquinho de paciência aí, gente. Essa é uma estrutura que está sucateada. Ela já passou por algumas reformas dentro daquele contexto de produzir uma condição paisagística que também possa colaborar com a redução da umidade, desculpa, de ampliar essa capacidade de umidade e aqui, pelo estudo que a gente comentou e pode realizar, ele tem uma capacidade de interferir com 240 mil litros. Se a gente pensar que tanto o arquiteto na época, quando não tinha os aeradores internos no túnel 9 de julho, eles funcionavam justamente para contribuir com a passagem pelo túnel, com a presença de quantidade de veículos nos anos 70, 60 e etc. Então, aí está aí uma foto que dá para observar toda essa estrutura que no momento não está funcionando. E aí eu vou pedir para o Sérgio, depois a gente disponibiliza as outras fotos, uma última foto que eu tive nessa última semana na Faculdade de Saúde Pública conversando com o professor Tiago Nogueira. Aí eu vou mostrar uma foto superinteressante para vocês que a gente realizou. Um pouquinho mais de paciência, mas vale a pena a sensibilidade dessa foto. Bom, nós temos aí uma universidade, uma faculdade histórica, que é a Faculdade de Saúde Pública, e de frente um chafariz, né? E na borda desse chafariz, várias pessoas sentadas e com a diferença de temperatura, né, como gestor ambiental, é lógico que eu fui buscar esse entorno. Nós estamos aí do lado da Avenida Doutor Arnaldo com a Teodoro Sampaio. Ah, uma coisa que eu gostaria de destacar, Ravena. Nós estamos a três quilômetros do túnel 9 de julho, dá para ir a pé para esse chafariz. Nesse caso específico, pena que não foi possível colocar a foto, mas nós estávamos com 40 graus na avenida Doutor Arnaldo. Eu fiz até o registro, né? E aí eu fiz esse mesmo comparativo, retornei nessa posição e nós estávamos aqui nessa posição com 26 graus (som ininteligível). Então, é a contribuição que esse tipo de sistema dá e ainda vem com a assinatura da Faculdade de Saúde Pública, que está aí no fundo, na foto, nesse dia que nós tivemos essa visita nesse local. Como eu vou na cidade de São Paulo o tempo todo e ainda tenho a felicidade da formação de gestão ambiental, eu consigo enxergar algumas coisas. Temos o mesmo exemplo desse na Avenida São João, no Parque do Ibirapuera, então são ações que podem contribuir com a questão de educação ambiental. E nós temos uma legislação a favor ainda, que é a legislação das quais os edifícios que foram construídos de uma década para cá, tem a obrigação de ter um sistema de cisterna para acumular as águas de chuva, principalmente nos edifícios que estão nas partes mais altas da cidade e que poderiam contribuir. Tenho visto alguns edifícios que já têm alguns chafarizes, já é possível observar alguns. Mas isso seria uma forma para a gente reduzir de forma prática um pouco essa questão, na verdade aumentar essa questão da umidade relativa nesses períodos de temperatura mais agressiva. Então, essa é uma fala. E uma outra fala, que me desculpa, que a gente colocou e até motivou a Fanny Moore a pedir essa reunião extraordinária, é que a questão dos incêndios. Quando do primeiro incêndio que virou notícia, eu estava exatamente na Rodovia dos Bandeirantes, vindo da (som ininteligível). Então, o que eu presenciei foi uma coisa apocalíptica, um absurdo, a altura e tudo o que aconteceu. Então, a gente traduz nessa condição de gestor ambiental, se está pegando na área rural, por que não pega na área urbana? Então, eu fiz uma pesquisa, trabalhamos uma pesquisa em cima disso. Quais os dois grandes incêndios que nós tivemos na capital de São Paulo? Foram o Andraus e o Joelma. Qual foi o período em comum que teve os dois incêndios? Foi no mês de fevereiro. Um ano de 72, um ano de 74, mês de fevereiro. Agora, a gente está na pesquisa. Quais eram as temperaturas para aquele período? Temperatura e umidade relativa do ar. O que estava acontecendo naquele período? E aí, eu tenho conversado com alguns engenheiros elétricos, especificamente do CREA. São parceiros, amigos aqui da APGAM que a gente tem conversado. Então, e aí, há pouco eu conversei com o Sérgio, qual é o nosso representante do CREA aqui no nosso CADES municipal, para que a gente possa, não só do CREA, do Fecomércio, da Fiesp, e que possamos conversar para entender qual era aquele período, qual era o nosso nível de cabeamento de fio daquele período. Eu sei que na época teve uma grande transformação também nisso, em termos técnicos, de isolar cabeamento, de ter todo um cuidado, mas só que naquele período nós tínhamos, 5 mil edifícios na cidade de São Paulo. Hoje, na pesquisa que a gente pôde realizar, nós estamos com 28 mil edifícios. Quer dizer, nós somos quase que praticamente seis vezes o número daquele volume que nós tivemos dois incêndios. Agora, numa pergunta básica que nós realizamos para alguns colegas, e agora dentro das normas técnicas que estão, nesse momento, acolhendo os edifícios na distribuição, e nesse mesmo paralelo, Ravena, nós temos também o uso do ar-condicionado, no mesmo volume. Então, quais são esses níveis? O que a gente pode

enquanto, e aí tenho que trazer o crédito para o CADES Municipal de São Paulo de novo? Eu acho bonito todo mundo falando, mas o crédito tem que sair daqui. Eu vou citar e eu tenho que citar. 25 de janeiro, a arborização (som ininteligível) 23 de maio. Ela saiu da gente falando no Inter conselhos. Eu fiquei meio triste quando eu li e não vi o logo do CADES Municipal, porque foi uma fala que saiu daqui. Então, isso que é importante. Estou vendo o Carlos balançando a cabeça, mas, Carlos, é aquilo que a gente comentou. Precisamos criar a publicidade nossa. Porque tem que dizer para a sociedade que existe um Conselho Ambiental da cidade de São Paulo. Independente das preferências ideológicas, partilhadas, etc., mas existe esse conselho. E a gente precisa fazer as pessoas entenderem que precisa passar para cá, como o próprio Ravena comentou. Então, enfim, são isso. A gente tem que fazer o contato com o CREA para saber quais as normas técnicas hoje para mandar um informe, alguma coisa, utilizando de outros parceiros como o FECOMERCIO, o FIESP e todos que estão junto com a gente aqui no CADES, para justamente poder indicar os síndicos. Igualmente, temos 28 mil prédios, mas temos 28 mil síndicos com milhares, quase 3 ou 4 milhões de famílias morando nesses prédios. E se a gente entender essa questão da preservação nesse momento, e agradeço à Fanny, porque é ela que deu a ideia dessa reunião extraordinária, na verdade, de entender e a gente poder fazer esse trabalho de prevenção. Não adianta a gente depois, infelizmente, comemorar que tivemos edifícios aqui com incêndios, porque a gente prevaricou e não fomos corretos. Então, essa é a ideia. Muito obrigado. E por favor, Carlos. Vamos buscar esse crédito que está na hora, né? Já passou aliás. Obrigado gente.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, José. Vamos passar agora a palavra para a Fanny. Por favor, Fanny.

Fanny Elisabete Moore: Bom dia a todos, nossos secretários, a professora Laura, fiquei muito contente, e os nossos conselheiros, que todos puderam vir. Foi um chamado mesmo de emergência, quando eu comecei a observar o que estava acontecendo com a nossa cidade e a fala dos conselheiros, aí pensamos. E lembrei também que nessa plenária estão representadas as várias associações da sociedade civil. Eu mesma represento uma e das associações profissionais de várias áreas. Então, eu acho que aqui é um lugar especial para que esse debate aconteça, e mais, o CADES é um conselho deliberativo. Então, daqui podem sair, se acordadas entre os conselheiros, ações concretas. Eu gostaria de abordar dois aspectos. A primeira, o caráter emergencial, sim. Nós temos que fazer alguma coisa já, para lidar com o ar que nós estamos respirando ou não conseguindo respirar. Então, eu fico com uma pergunta técnica, que é a questão das micropartículas, que eu não tenho dominância sobre isso. Então, nós temos temperaturas elevadas, baixa umidade do ar e micropartículas. Por exemplo, vi um médico falar, o doutor Arnaldo Lichtenstein, que se deve usar uma máscara daquela mais fechada para esses casos. Então, eu gostaria de, num primeiro debate, abrindo para todos os conselheiros das diversas áreas, o que fazer para informar a população corretamente de como se adaptar para este ar irrespirável que a cidade tem tido com muita frequência. Então, assim, eu li o comitê de emergência do município que foi formado, o secretário Ravena mencionou na nossa reunião, lá tem ações importantes, mas, secretário, eu acho que elas ainda estão fechadas dentro da rede de saúde, dentro das escolas. Então, nós temos que aproveitar as nossas outras redes, esse CADES é uma delas, para abrir e disseminar uma informação concisa e correta para que a população se prepare e se proteja. Eu gostaria de acrescentar a essa rede, aí um pouco da Liliane e da Rute, os conselhos. Os conselhos têm assento nessa cidade de várias áreas. Os conselhos são interlocutores vitais. E aí eu coloco também os parques. Ontem eu estive na reunião do Conselho de Severo Gomes e os parques podem colocar informações de alerta e aviso para a população sobre como proceder. Não fazer exercício físico, ficar na sombra, não sair no horário de sol mais intenso. Quer dizer, eu acho que essa proteção mínima, eu não sei falar sobre todas elas, mas eu acho que aqui reunidos, estão as pessoas com competência para definir isso, Secretaria da Saúde, da Educação, a professora Laura, a nossa Secretaria de Mudanças Climáticas, ou seja, daqui pode sair um corpo básico de ações emergenciais para informar a população em geral, usando essa nossa rede, que é bastante grande. Uma segunda abordagem que eu gostaria de fazer, e depois eu encerro, é que aqui também estão, além da adaptação, que é isso, vamos lidar com esse problema que existe agora. Também mais uma coisa para talvez a professora Laura, o secretário Naline, é como nós estamos aparelhados para medir na cidade as temperaturas e a umidade relativa do ar, e a presença dessas micropartículas. Eu vejo aqui, espalhado pelas cidades, esses medidores de temperatura com um quadro informando a qualidade do ar, mas eu não sei se eles existem na cidade toda. E assim, como a professora Laura mencionou, as coberturas vegetais são muito diferenciadas. Temos no Norte e no sul maior concentração e o restante da cidade pouco. Então, eu acho que a gente precisa descobrir onde a gente tem que agir com mais rapidez, porque há lugares onde isso é mais grave. E a gente tem que identificar essas áreas com rapidez. E onde não tem termômetro e medição, instalar. Até eu acompanhei o seminário que foi... Na verdade, eu me inscrevi, mas não consegui participar, o impacto das mudanças climáticas nas temperaturas urbanas, que vimos a experiência de quatro cidades, né? Foi São Paulo, Buenos Aires, Bogotá e Lisboa. E foi muito interessante verificar, por exemplo, a questão dos termômetros. Eles precisam existir, nós temos que medir. A professora Laura até fez uma pergunta sobre a segurança dos termômetros de manter e a Bogotá deu uma resposta muito importante, que aí entra o papel de todos nós. A população tem que participar. Ela tem que saber que aquilo está lá para cuidar dela. Ela vai ajudar a cuidar. Nós levamos as escolas para conhecer, aqui

está o termômetro, que mede, aqui vocês vão saber se o ar está bom. Eu acho que a gente tem que mudar um pouco de perspectiva. E, assim, nesse sentido, professora Laura, eu acho que trazer para o território para os territórios, os microclimas, é muito importante. Então, nesse sentido, o município tem um papel fundamental, porque a vida acontece aqui, nesses pequenos espaços de território. Então, é essa vida que a gente deseja e quer proteger. Nesse mesmo seminário, agora passando para a segunda parte que eu queria colocar, por exemplo, o experimento feito pela FAUSP mostrou duas coisas importantes. A presença do parque, então áreas verdes, não só onde elas estão concentradas, onde elas não estão. Então, por favor, tem que ser agora, porque assim, essa população não vai conseguir respirar. Então, assim, as áreas verdes mudam a temperatura durante o dia e as construções, agora vai o recado para os sindicatos e as instituições da construção civil aqui presentes nesse conselho. Nós temos que mudar a maneira de fazer as edificações. Elas estão muito juntas, elas são muito altas, elas concentram calor e concreto. Seminário mostra isso de uma forma muito simples com a simulação de cenários. Se houver distanciamento, se houver vegetação e se a altura for mais baixa, a temperatura melhora. Então, assim, são coisas, eu acho assim, e nós temos o know-how. As nossas construtoras sabem tudo. Elas podem se dedicar a buscar soluções de outra forma. Agora eu ando aqui, não tem mais aquela distância entre a calçada e o edifício. A janela do apartamento está no poste quase. Ou seja, é uma ocupação absurda do território. Então, acho que até a nossa Secretaria Municipal de Licenciamento Urbano, que também está aqui, mais o SECOVI e os outros sindicatos, todos eles podem ajudar nesse sentido. E aí ainda falta falar, porque os grandes emissores de elementos, partículas e poluição do ar e aumento de temperatura. A Secretaria Municipal de Transporte também tem que se igualar. Nessa hora de grande emergência, não se pensou em fazer um alerta para reduzir a circulação de veículos? Teria sido primordial. Pelo menos ameniza. Essa coisa da frota, a gente pode fazer um sistema de circulação, estudar em que momentos ela pode ir. E assim, acabei de ler agora no mapa da desigualdade da Rede Nossa de São Paulo, 5% dos veículos, que são os caminhões e os ônibus, geram metade da poluição que está aqui. Então, nós temos que cuidar do transporte individual também. Ele, na verdade, tem que... Praticamente, as pessoas têm que saber, olha, não saia de casa se não for uma emergência. Use o transporte público, se for possível. É uma nova educação. Nós temos que mudar nossa maneira de olhar as coisas. E aí falta um alerta para a água que o secretário Naline trouxe. Nós estamos e continuamos desperdiçando água. Eu vejo aqui, as pessoas estão lavando o carro, a calçada. Não é hora. A hora é de economizar tudo. Eu acho que tem que entrar uma campanha conjunta da Sabesp com a Prefeitura para dizer para a população, atenção, nós estamos num momento gravíssimo. E encerro agradecendo muito a presença de todos, me pondo à disposição para o que for possível contribuir, e pedindo que os meus colegas e os senhores secretários se posicionem, surtirem e apontem os caminhos, porque eu acho que desse lugar podem sair soluções importantes. Muito obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Fanny, por essas palavras. Obrigada, José Ramos, por essas palavras. Faça a palavra para o secretário.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Liliane. Bom, vou agradecer aí. Está todo mundo me ouvindo ou não?

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Sim, sim.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Bom, eu acho que foram importantes as falas, mas é também importante a gente indicar o que está acontecendo na cidade. Eu vou começar pela questão do incêndio porque ela traz aí, junto com ela, a questão dos particulados e da interferência que a Laura falou. Não tem uma barreira no entorno da cidade, que o Naline falou também, que separa São Paulo e tira ele do contexto geral do que está acontecendo no país. A qualidade do ar de São Paulo está muito ruim, muito ruim, porque a gente, em vez de ter rio de chuva, tem rio de fumaça agora. A fumaça toda que está vindo do centro-oeste e norte está chegando aqui. Algumas regiões do estado tiveram chuva negra, que basicamente é chuva de fuligem. Não chegou em São Paulo, graças a Deus, mas vai chegar. Então, o que a gente precisa ter em mente é que, olhando para a cidade, e considerando que a gente está num macro sistema sob tensão e pressão e um macro sistema que é o país e é a América Latina, quer dizer, tem fumaça que vem da Bolívia, tem fumaça que vem da Colômbia, quer dizer, não basta olhar e falar, ó, a cidade está errando, não, a cidade está buscando fazer o que dá. Falando do fogo, o último incêndio grande que a gente teve, aí eu posso falar de incêndio em áreas de mata, porque o que está pegando fogo é mata. E para quem não teve notícia, durante a semana retrasada e a outra que a gente teve, aquela emergência das emergências climáticas, calor, seca, tudo junto, um inferno. A gente teve 18 incêndios na cidade, em parques e áreas verdes que a secretaria combateu, a secretaria com o programa que chama Fogo Zero. A gente tem brigadas de incêndio treinadas para combater incêndio e dos 18, 17 comprovadamente foram criminosos. Então, por isso que eu insisto muito na história de convencimento e entendimento de quais são as funções do poder público e as funções da sociedade civil, e por isso a importância desse conselho aqui também reforçando um pouco o que o Zé Ramos falou. Eu sou o primeiro a defender o CADES. A Secretaria só existe porque existe o Cades. O Cades é motivo da cidade de São Paulo ter uma Secretaria de Meio Ambiente. Se a gente extinguir o Cades junto com a extinção do

Cades, a gente extingue a Secretaria. Então, é um conselho importante que sempre está referido, respaldado e referendado e deliberativo. É o que delibera sobre as licenças complexas da Secretaria e arrimas, LAI e LAP para empreendimentos de maior porte é o Cades e a Câmara Técnica do Cades que deliberam, não é o secretário. Então, o Cades é um motivo de existência da Secretaria e ele tem que ser privilegiado sim. E eu, pelo menos, faço o todo possível para que isso chegue a público e a gente pode trabalhar um pouco mais nisso. Então, deixar claro que nós temos sim uma ação complexa, a gente usou dinheiro para comprar equipamentos de combate a incêndio, para treinar brigadistas, brigadistas voluntários, e a gente tem um outro problema que é um problema Brasil, tem pouco voluntário, precisa mais gente para isso.

No Chile, em Portugal, citando os dois exemplos aí que a Fanny deu de cooperação e de exemplos, os bombeiros no Chile e em Portugal são bombeiros voluntários. E aqui os voluntários são os nossos administradores...

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Secretário Ravena, a sua voz caiu. Está caindo sua voz. Até a sua imagem caiu.

José Renato Nalini - Secretário de Mudanças Climáticas: Para nós não, viu, Ravena. Nós continuamos a ouvir.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Eu acho que está tudo certo. Bom, vamos lá. Então a gente tem esse problema que eu acho que o Cades pode ajudar também. A gente tem cursos de treinamento de brigadistas para incêndio permanentes e que são abertos à população. É só pedir para se inscrever e fazer parte. Com relação ao levantamento do que existe, a gente pode encaminhar sim via Cades, ofícios para o Corpo de Bombeiros, para a Secretaria das Prefeituras e para a SMUL, para entender quais são os critérios que estão sendo levados em conta para as edificações em termos de segurança contra incêndio. É uma proposta que eu acho que vale sair do CADES. Chafariz.

Esse Chafariz da 9 de julho, eu nasci na Bela Vista, morei no Bixiga até os 16, mudei para o Jardins por 17, e saía da Alameda Campinas, ia para a Praça da República, no Colégio Caetano de Campos, de ônibus, e passava no Chafariz todo dia. Eu conheço bem essa região, como algumas da cidade, e esse Chafariz, que eu me lembro, eu estou com 62, já foi reformado umas 20 vezes. Como todos os outros da cidade. E aí se agrega nessas áreas que têm água o efeito pandemia, que durante a pandemia a gente e o Brasil inteiro desativou tudo que pudesse ter de reservatório de água para proliferação de mosquitos e tudo mais. Então a gente precisa olhar para essas fontes de aeração e umidificação do ar, sim, precisa. Mas, mais uma vez, a gente precisa olhar e entender como é que a gente mantém aquela área íntegra. Se eu cercar, como já foi cercado há um tempo, e aí estou falando em nome da Prefeitura e não da Secretaria do Verde, porque a gente não cuida disso. É outro ofício e outro pedido que eu acho que deve sair do Cades, encaminhado para subprefeituras, para que a gente faça uma conversa com relação à manutenção e a reativação desses espaços. Mas a gente precisa entender como é que reativa. Porque aí você reativa e deixa aberto, dura três meses, porque alguém vai lá e quebra. Alguém. Porque a gente tem infelizmente, a gente, todos nós, a ideia do que é público não é de ninguém. A gente não conseguiu ainda entender que o que é público é de todo mundo. O que é público é de todos. Então todos têm que cuidar. Então temos que achar uma matriz ou um jeito de resolver a permanência desses espaços de umidificação do ar. Não é só esse não, tem vários. Tem ali do lado do Ibirapuera, tem um na Zona Norte que também está desativado, tem o chafariz no centro ali perto do Copan. A gente tem vários deles desativados justamente por isso. Perto do Copan ali é lindo até, são umas lagostas e tal, bem bacana. É bem bonito o chafariz. Então eu acho que pensar e eu acho que a provocação Cades é necessária para que a gente encaminhe solicitação de informações via Cades, que é o meio correto de se fazer. Fanny, eu queria fazer dois comentários sobre o que você falou.

A gente tem uma questão de competência. Quem mede qualidade do ar e temperatura na cidade é o CETESB. E a gente se baseia nos dados que eles coletam. Mas, paralelamente a isso, como você mesmo falou, você assistiu aí um seminário que foi promovido pela União das Capitais, Cidades Capitais Ibero-americanas, é um convênio que a Secretaria do Verde tem com a UCCI, para promover ações e uma delas é essa, entender e estabelecer critérios de medição de qualidade do ar e temperatura e umidade na cidade. Seguindo aí e trocando experiências com essas cidades, Bogotá, Buenos Aires e Lisboa. Da mesma forma que a gente está fazendo isso com Corredores Verdes, também dentro desse mesmo sistema de parceria com a UCCI. E tem mais uma que eu não vou lembrar agora, depois a Laura me ajuda a lembrar se ela lembrar também.

Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas: Fauna.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Fauna, é verdade. De qualquer forma, é importante destacar que a gente tem melhorado a qualidade dos dados ambientais da cidade, a gente tem feito acompanhamentos de cobertura vegetal, de fogo. Lembrando, fogo, São Paulo tem, na Zona Norte, instalados cinco torres de controle e monitoramento de incêndio, que tem as câmeras mais modernas que o Brasil dispõe. E a gente está instalando mais três torres na Zona Leste e três torres na Zona Sul para fazer esse combate, porque essas torres, as áreas que pegavam mais fogo, porque ela é mais seca mesmo, é a região Norte, está longe da Serra do Mar, então é a área que estava mais sujeita a incêndios de grande porte. Eles não ocorreram porque a gente está monitorando

dia a dia, online, o tempo inteiro o que acontece e isso a gente está fazendo com cobertura vegetal, com biodiversidade, com todos os indicadores de meio ambiente que podem conformar e dar ação para as políticas públicas genericamente falando. Mas aí o que eu queria destacar mesmo, e é uma coisa que a gente está buscando pela secretaria, eu acho que o CADES pode ajudar a fazer, especialmente com os representantes que estão aqui da sociedade civil, é um debate, uma discussão de melhoria de projetos. Os projetos de intervenção na cidade são muito ruins. Eles desconsideram a emergência climática, eles desconsideram a necessidade de preservação, eles usam o que está previsto no Plano Diretor de 2014, que é a fachada ativa, e ele permanece lá, e as licenças que as empresas entraram de 2015 e 2016 estão saindo agora, e por isso esse monte de prédio horrível com fachada ativa. Sem área verde, sem permeabilidade, porque está no corredor, é uma permissão, mas ela não é uma obrigação. Eu acho que a sociedade e as construtoras têm um papel a cumprir no zelo e no cuidado da cidade, que é melhorar a qualidade de projeto. Melhorar, sim, a qualidade de projeto. Poder público deve e pode melhorar a qualidade do projeto, que é uma briga que a gente também faz aqui com as secretarias que fazem obras, então a gente está numa discussão permanente e interna de qualificação e uso de soluções baseadas na natureza para os projetos da Prefeitura, mas ao mesmo tempo o que a gente está buscando aqui também é uma conversa e uma aproximação com os setores produtivos instalados em São Paulo para que qualifiquem seus projetos. Pelo amor de Deus, não é possível construir prédios sem recuo, prédios sem areia verde, prédios sem retenção de água e de chuva, prédios sem drenagem, joga todo o problema para a malha pública da cidade, joga para a área de coleta, joga para o poder público a responsabilidade que podia ser dividida e compartilhada com projetos mais bem feitos. Para encerrar a minha fala e um pouco nessa linha, para dar ciência para o CADES também, porque é importante, nós estamos fazendo a revisão da Portaria 130, que é a que trata do manejo para construções, para supressão e compensação ambiental de intervenções, edifícios e empreendimentos na cidade. E nesta portaria, como já está nas que vocês já aprovaram algumas licenças esse ano, e nessas licenças, como nessas licenças que vocês já aprovaram, nas de termo de ajuste de TCA, Termo de Compromisso Ambiental, também vou incluir a matriz climática como necessária para o licenciamento de supressão e a fauna como necessária para ser analisada antes de autorização de qualquer supressão. Então, a gente está apertando, está encurtando os caminhos e deixando os caminhos mais não diria que é impossível fazer, dá para fazer, desde que se tenha qualificação de projeto. O poder público não pode impor, isso tem que ser uma concertação, isso tem que ser um ajuste. E a gente busca esse ajuste um pouco olhando para as experiências internacionais, olhando para as conversas bilaterais, olhando para o que esse conselho pode fazer, que é difundir a necessidade de adaptação da cidade, que passa pelo chafariz, sim, pela compra de áreas verdes, sim, pelos jardins de chuva, sim, pela troca da frota, sim, pela multiplicidade de fontes de energia, a energia elétrica só não basta, não dá conta. Como o Nalini falou, nós temos uma matriz limpa, hoje mais limpa ainda, que é o álcool. O processo de produção do álcool já melhorou 80% do que ele era na década de 70, o resíduo é quase zero, tem aproveitamento quase integral de tudo, quer dizer, e tem um impacto muito menor do que tinha lá atrás na década de 70. Tem impacto? Tem. Nós temos o metano, produzido aí nos nossos aterros. A gente tem um monte de alternativas de fontes de energia que podem impactar e ser usadas na frota. Há alguns dias a gente foi no lançamento que as empresas que são detentoras da concessão do lixo têm que entregar. Os caminhões de coleta de lixo vão passar a ser movidos a metano produzido nos aterros. Eles entregaram quatro, é óbvio que a capacidade de produção desses veículos não é automática, uma frota de coleta de lixo na cidade é absurda, mas já se começou, da mesma forma com os ônibus, mas a gente não pode ficar parado numa matriz só. Energia elétrica, ok, ela é boa, eficiente, é limpa, especialmente no Brasil, mas ela não pode ser a única. A gente tem que ir para o debate de quais são as outras fontes disponíveis para diminuir a emissão. Bom, parei de falar. Chega.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Falou muito bem, secretário. Você é sempre bem-vindo aqui para falar conosco. O secretário Nalini levantou a mão e logo em seguida a Laura, o Cláudio e logo em seguida o Sr. José Ramos. Então vamos seguir essa ordem.

José Renato Nalini - Secretário de Mudanças Climáticas: Muito bom. Gostei demais das duas intervenções aí, do José Ramos de Carvalho e da Fanny. Muito boas as duas sugestões aí. O secretário Ravena já falou que a questão do chafariz é da subprefeitura. A gente pode conversar, mas também acionar formalmente o subprefeito que é o coronel Camilo, é muito operoso, está fazendo muita coisa no centro e incumbe a ele. E Fanny, essas sugestões todas suas são excelentes. Sabe que a gente já está fazendo isso com o Comitê de Crise de Altas Temperaturas. Esse comitê tem se reunido, Ravena tem participado dessas reuniões e o site da Secretaria da Saúde já traz todas as informações singelas, concisas, objetivas daquilo que a população pode fazer para se proteger. Mas eu gostei muito da sua ideia de convocar também os padres e talvez os pastores. Todo mundo está sendo chamado a colaborar com isso. Pedi uma reunião com o Dom Odilo, o cardeal, e já estive com ele outras vezes assim, e ele reuniu todos os sacerdotes de São Paulo para a gente pedir que eles se engajem nesse movimento. E é também uma forma de disseminar consciência. Nós chegamos a sugerir um rodízio maior, um pedágio no centro, já chegamos a sugerir que os horários de trabalho sejam alterados, que a gente comece a trabalhar bem cedinho e permita que, como

na Espanha, que haja acesso, que o pessoal volte para casa numa hora razoável e só retorne ao trabalho tarde, bem de tardezinha, que se volte o home office, o trabalho à distância, tudo isso, mas nós encontramos resistência de toda a ordem. Imagine como é administrar, uma gestão complexa, com centenas de milhares de pessoas envolvidas. E muita sobreposição de atribuição. Ninguém tem uma competência exclusiva para falar eu decido e acabou. Mas são muito boas as suas ideias e mostram a sua consciência. Se toda a cidadania paulistana tivesse a sua consciência. A consciência do José Ramos Carvalho e da Fanny Moore. Então nós vamos, anotei tudo, tudo que depender de nós, nós vamos intensificar, está bom?

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, secretário Nalini. Laura, por favor.

Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas: Eu também queria reagir e apontar algumas coisas. Em primeiro lugar, talvez a grande questão nossa seja a da água, né? E a gente é dependente de uma água que vem majormente da Amazônia e que vinha chovendo o Brasil inteiro, ancorada pelas florestas que existiam. A evapotranspiração provocou uma circulação atmosférica que acabou, porque derrubaram tudo. E aí a chuva vai cair todinha, aquela que vinha distribuída, vai cair lá em cima do Rio Grande do Sul. Então, eu acho que, um, nós paulistanos temos que defender a Amazônia mais que tudo. Dois, a questão do poder disseminador do CADES, que é maravilhoso e tem poder mesmo e precisa usar. Tenho duas coisas ou três a falar com relação a isso. Em primeiro lugar, a questão dos chafarizes. Ou seja, a questão do conforto térmico da população, da amenização das altas temperaturas. A relação da população com o chafariz é uma relação cultural e, portanto, muito embora eu goste demais da solução do chafariz, eu me rendo a evidência de que no desenho de hoje não funciona, para funcionar eventualmente, demandaria uma operação cultural de reaproximação das pessoas com o chafariz. Entretanto, há outras hipóteses que surgem, e a gente não deve ficar só numa ou só noutra, a gente tem que trabalhar em várias frentes, porque alguma delas vai funcionar melhor. Depois, ainda com relação a esse papel cultural e o papel disseminador do CADES, existe a questão do papel profissional de cada um de nós. A gente tem que levar essa adaptação e a questão climática, da emergência para as nossas atividades profissionais.

Aí que mora o perigo, porque foi as coisas serem como são que nos trouxeram aqui. Então, a gente precisa, cada um de nós, mudar os nossos papéis, principalmente profissional. Por quê? É na estrutura macroeconômica que a gente chegou aqui. E depois, ainda falando do papel disseminador do CADES, é a participação nos demais projetos e planos setoriais. Levar essas coisas... Eu vou pegar dois exemplos que muitos de vocês já me ouviram falar. O Plano Municipal de Redução de Risco acabou de ser terminado. Ele só considera o risco geo-hidrológico, os demais riscos não. Por exemplo, precisamos avançar nisso. O Plano Municipal de Saúde pode ter até considerado questões de clima, mas elas não estão expressas no texto do plano. Então, a gente precisa avançar nisso. Por quê? Porque elas implicam um incremento da percepção e, portanto, da ação frente à emergência climática. Quero dizer ainda, falar da privatização da SABESP, o que a gente vai ter para falar? A Fanny fez uma referência, eu não anotei na hora, agora não lembro para repetir, mas se antes já era difícil, imagina agora. E, por fim, quero anotar uma questão. Eu faço parte de um grupo no WhatsApp de pessoas da gestão pública no Brasil e pessoas ligadas à defesa civil. E aí, nesse grupo, o Brasil caía no fogo e nenhum pio. Pessoas que estavam ligadas à questão dos desastres nas cidades. Nada. Aí eu perguntei, escuta, a gente não tem que estar discutindo a questão das queimadas? Se tem queimada é porque não funcionou. Se tem queimada, os bombeiros tinham que ter agido. Eles têm que fazer essa reflexão nesse grupo. A cidade está atingida por um desastre porque os bombeiros responsáveis pelo combate ao fogo não agiram. E o problema, além de ser um problema local e do Estado, porque bombeiro é estadual, é um problema do Brasil. A gente tem que discutir isso. Fiquei falando sozinho. Então, para dar uma dimensão da variável política que está inserida nessas questões, do mesmo jeito que eu referi agora há pouco, que proibiram o Antônio Guterres de entrar em Israel. Então, tem variáveis que a gente não está considerando aqui porque elas não são de natureza ambiental, são de natureza estritamente política. E, portanto, a gente precisa, sim, enfrentar essas questões, tem que se explicitar. Se a gente não explicita, se vai para baixo do tapete, a gente não consegue superar. E, por fim, destacar essa abertura que a gente tem tido na Secretaria, aí eu posso falar pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, tudo aquilo que eu participo, de procurar caminhos. Esse seminário que a Fanny referiu é um desses caminhos que a gente procurou. E estamos sempre à disposição de todos vocês. Obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Laura, pela sua explanação. Passo agora para o Cláudio.

Cláudio de Campos: Bom dia a todos. Bom, eu ouvi a explanação de todos vocês. O problema é muito sério. O problema é complexo. E a gente tem que buscar, às vezes, aquelas soluções que talvez a gente ainda não tenha identificado. A questão de o problema extrapolar os limites da cidade de São Paulo, eu estava pensando, talvez o CADES faça parte do SISNAMA, a gente normalmente tem um posicionamento mais de receber o que vem do SISNAMA para São Paulo, mas talvez seja a hora da gente levar o problema de volta para cima. O que a gente identificar aqui e levar para o SISNAMA para que a coisa seja implementada em esfera além dos limites da nossa cidade. A gente está enfrentando problemas que estão em boa parte vindo de outras regiões do país

e não propriamente da cidade, pelo menos agora nesse momento de emergência. É claro que a gente tem os problemas locais e com isso tem algumas sugestões. Mas com relação aos problemas fora da esfera municipal, eu anotei aqui algumas questões. Uma que eu já falei aqui em outras ocasiões, mas eu acho que pontos específicos do meio acadêmico tem pesquisas desenvolvidas que podem ser aplicadas especificamente. Semana passada eu estava vendo entrevista com um profissional da área de geociências, na internet, e ele falando de uma solução para queimadas que é adotada em outros países, mas nós não adotamos no Brasil. É muito mais por uma decisão política, né? Ele dizendo que enquanto aqui a gente coloca os bombeiros com seus caminhões-tanque tentando apagar chamas, labaredas de 10 metros de altura, o que é praticamente inviável, outros países usam seus aviões militares para carregar, adaptados, para carregar com água e umidificar regiões em que a chama está se caminhando. Então, isso seria uma estratégia de conter a evolução dos grandes incêndios. Eu estou dizendo isso pelo que eu ouvi, mas a gente precisa fazer uma pesquisa, porque os especialistas nessa área têm condições de dizer se é uma solução viável ou não. Eu imagino que o Instituto de Geofísica da USP tenha maiores informações com relação a isso. Outra coisa com relação a uma questão mais local nossa, interna, do município, é fantástica essa mudança do uso do transporte público com combustíveis fósseis para energia elétrica. Mas a gente também tem que prever que a energia elétrica hoje, o que for os trólebus, por exemplo, eles têm baseado na nossa matriz energética principalmente hidrelétrica. Mas os ônibus hoje que estão sendo implantados com o uso de baterias, a gente vai mais lá para frente para o problema da limitação do uso dos, enfim, fugiu agora, mas são as baterias. As baterias têm limitações hoje.

É bom, enfim. As baterias em si têm limitações para extração da natureza. Só que existe pesquisa na Unicamp e na USP, em parceria com a Nissan e com a Honda, utilizando a transformação de etanol e hidrogênio verde para alimentação de veículos elétricos. Talvez a gente possa ser um carro-chefe nesse sentido, em parceria com a academia, para implementar essas pesquisas em transporte no município. É uma possibilidade. Estou sugerindo, mas não sei se é viável ou não. Talvez a gente precisasse ir atrás e buscar. Outra questão é com relação aos pavimentos. A gente está usando os jardins de chuva, que é fantástico, uma iniciativa muito interessante e muito útil para o município, mas a gente poderia adotar mecanismos de pavimento drenante. Então toda a pavimentação do município que hoje usa o asfalto poderia ser através da técnica de pavimentação drenante e toda a área pavimentada, toda a área asfaltada estaria absorvendo água. Outra coisa com relação à indução de precipitação, poderia limpar nesse momento o ar que está bastante poluído com esses poluentes em função das queimadas. Então a gente poderia conversar com os órgãos, enfim, IPT e tudo mais, para estratégias de indução de chuva para que a gente tenha limpeza ambiental nesse momento crítico. Entre outras possibilidades que o meio acadêmico possa identificar. Então a minha sugestão é essa. Buscar parceria com o meio acadêmico. Não é toda... a gente tem uma tendência a uniformizar o meio acadêmico como se fosse uma coisa única. Cada instituto de pesquisa tem uma pesquisa específica nesse sentido, então a gente vai ter que buscar ponto a ponto talvez a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo para alguns aspectos, o Instituto de Geofísica para outros, a POLI, por exemplo, com relação aos aspectos de Engenharia, e por aí vai. Então acho que o problema tem que se buscar ponto a ponto aqueles que trazem solução prática para a gente aplicar aqui, está bom? Obrigado, é minha sugestão.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Cláudio. Lembrando que no chat, a Laura, ela colocou alguns links. Então, se caso vocês já quiserem copiar esses links, aí fique à vontade. Sr. José Ramos, por favor. Ah, e após o Sr. José Ramos, Fanny, depois é a Maria de Fátima e a Celina. Só um minutinho, por favor.

José Ramos de Carvalho: Eu vou pedir para o Sérgio colocar uma foto que eu fiz há pouco no celular, no pessoal mesmo aqui, para vocês, em uma fala que o Ravena comentou. Essa foto é referente a um aplicativo que a gente conheceu através da faculdade de saúde. E esse número 86 que vocês estão observando em Guarulhos é justamente na sede da APGAM. E por coincidência, próximo do escritório e da minha residência. Então, o que eu percebo, nessa fala do Ravena, nesse comentário, que a gente observa nos... E aí a Fanny também. Quando nós comentamos que aqueles informes da CETESB que diz, bom, regular ou péssimo, né? Então, aquilo traz uma fala, depois que eu comecei a andar com esse dispositivo, estranha, né? Porque vejam só, quando eu estou com 86 lá em Guarulhos e estou com 108 na base da Rodovia Ayrton Senna, para vocês verem o alto grau, e ali, nós estamos ali no meio do Parque Ecológico do Tietê. Olhem o volume e a diferença. Quando você traz números para a gente enxergar, fica muito mais evidente, né? Por exemplo, nesse número 86, eu tenho ali duas ocupações com mais de 3 mil famílias e tenho óbito de crianças, né? Por questões de aparelho respiratório, né? Então, quais os números? Se eu saio dessa credencial de bom, ótimo e regular, onde que está esses números, por exemplo, quando vocês observam ali 83, que é a Avenida Doutor Arnaldo, né? E aí eu referencio ainda mais o Ravena. Eu tomo um susto, não é nesse horário nosso, é de madrugada. Quando esses índices vão para vermelho e atingem... E aí eu vou pedir para o Sérgio colocar outro gráfico para vocês verem a importância disso. Olha agora... Bom, o gestor ambiental é sempre chato, ele é médico clínico, ele só vai jogando... É como o Ravena falou, a gente vai provocando e que é importante nesse contexto.

Agora o Sérgio vai jogar. Aí, olha o gráfico. Se vocês observarem, 2 de outubro, a passagem de 1 de outubro para 2 de outubro, nós atingimos praticamente 155 microgramas por metro cúbico. Lembra quando eu trazia aqui nas reuniões nosso saco de poluição? É exatamente isso. Olha o nível que nós atingimos lá, Ravena, de madrugada. E eu não tenho ali a rodovia Fernão Dias livre, eu fiz questão de sair para olhar as rodovias, quando eu me assustei com a minha primeira medição, no início já de utilizar esse dispositivo, e isso aconteceu ontem. Então, nós estamos dormindo e acordando, nesse nível, olha como ele decai o gráfico aí até chegar às proporções normais da cidade de São Paulo. Mas de madrugada, sim, nós estamos recepcionando todas as informações que chegam para nós, dos colegas, inclusive, de Mato Grosso e do centro-oeste, é que os rios voadores estão agora tendo fumaças voadoras, né?

Então está descendo toda essa queima, tudo, e chegando para nós. Teve um momento que nós atingimos quase 200, e que é extremamente agressivo para a saúde humana. Então, basicamente, para uma fala sobre essa questão, se me permite discordar um pouco da Laura, e aí o atrevimento mesmo, né? Então, na verdade, é assim, eu não enxergo o chafariz como um dado, ele é um dado cultural enquanto ele é um aspecto urbanista, mas ele é um dado técnico de extrema função quando ele pega a umidade relativa, que o asfalto não joga para baixo, ele tenta equilibrar e trazer pra cima. Visto que se eu for praticar arborização, a arborização começa a produzir depois de cinco ou oito anos, né? No crescimento ela vem e começa a fazer a produção normal de troca de carbono. Mas o chafariz, e aí fiquei feliz porque é da órbita da subprefeitura, da gente restaurar e fazer um processo, Laura, de educar ambientalmente, né? Quando nós estivemos agora recentemente na Faculdade de Saúde Pública, foi para ver exatamente as questões das doenças relacionadas com a questão de dengue etc., que o Chafariz ou qualquer ordem que os edifícios pudessem criar para que tivesse controle de qualquer tipo de infecção ou enfermidade decorrente do uso das águas. Mas o que foi dito para nós, e hoje temos tecnologia, até o próprio secretário Nalini comenta, de energia solar. Então, eu trabalhei muito com aquecimento de piscina, então eu sei que água, eu posso controlar ela, eu deixando-a encarcerada, guardada, mas também eu posso, no outro dia, reativar ela e ela fazer a função, não função cultural, ela fazer a função de atividade para aumentar nossa unidade relativa. E é fácil, quando eu saio da Faculdade de Saúde Pública e tenho 40 graus me dizendo na minha frente, despertei a pesquisa, retorno justamente para medir, a diferença é brutal, é quase de 20 graus. Eu tenho 40 e venho para 26, com a presença de um pequeno chafariz, não era nenhum chafariz dessa grande intensidade de mobilidade. E olha só o efeito de educação ambiental que será sobre a população. Sim, temos a defesa, como o Ravena falou, que conhecia (som ininteligível). Nós temos várias praças de São Paulo fechadas. Então, criar uma situação ali interessante para que ele funcione, mas também desperte o ato de educar, inclusive, como outros edifícios também, da instalação desse tipo de equipamento para ampliar a nossa unidade relativa do ar, que é confortável e é bem interessante. Laura, eu te amo, você sabe, tranquilo, mas nesse contexto, só para a gente equilibrar essa fala, que é importante nesse diálogo agora. Obrigado, Ravena. E esse dispositivo, quem quiser depois, a gente fala com o professor Tiago Nogueira, e ele manda para a gente, e que é esse dia a dia mesmo. Ele enfatiza em termos de número. Essa coisa do bom, regular e ótimo, a gente precisa rever com a CETESB, que já é complicada. Obrigado.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, José Ramos. Agora é a Fanny, por favor, Fanny.

Fanny Elisabete Moore: Bom, eu acho que está sendo muito interessante, muito rico e muito produtiva a nossa conversa conjunta. Fazer algumas observações. Para o secretário Ravena, a gente não falou muito da questão do metano, mas nós estamos, em pleno momento, reativando os nossos contratos. Inclusive, eu fiz uma, tenho um diálogo no Cades sobre esse assunto. E a questão da compostagem do resíduo orgânico ainda não está solucionada. E ela é uma imensa produtora de gás metano. Então, acho que a gente precisava focar nisso muito rapidamente. Porque agora, além da questão que já existia, nós vamos ainda agravar, como falou a professora Laura, essa janela que a gente teria e vai desperdiçar. Então, eu acho que a gente precisava rapidamente cuidar disso. Aí, para o secretário Nalini, eu não falei padres, mas falei parques. Mas, de qualquer maneira, eu acho que a sua sugestão é excelente, porque qualquer lugar onde se reúnam pessoas para tratar de assuntos, quais sejam eles associativos, deve se tratar da questão do clima, do meio ambiente e da postura do cidadão. Então, eu acho que é perfeita a sugestão que foi feita. E agora, para a professora Laura, eu acho que realmente a questão de incluir no plano de saúde, eu andei lendo um pouquinho para esse dia de hoje, alguma coisa da legislação. Então, nós tínhamos grandes aglomerações, população de rua, algumas coisas nesse sentido, mas falta, de fato, alguma coisa direta para o que estamos vivendo agora. Então, acho que o plano municipal de saúde tem que incorporar. De qualquer maneira, mesmo estando nos sites, eu acho que a gente tem que criar canais mais ágeis e efetivos de comunicação, incluindo a Secretaria de Comunicação da Prefeitura, que eu não vi fazer nem na mídia, em lugar nenhum, menção a isso. Eu acho urgente que isso aconteça. E mencionar aqui um exemplo interessante, um aplicativo da cidade de Blumenau que funciona para os alertas contra enchente. É assim, não acontece mais de ninguém perder a vida. É extremamente ágil. Então, hoje, nós temos tecnologias bastante avançadas que podem nos ajudar. No caso de São Paulo, não faz mais sentido a gente ter perdas, principalmente de vidas, embora o secretário Nalini já tenha mencionado que isso não aconteceu, mas tem que continuar

cuidando disso. Então, usar recursos tecnológicos para informar a população. Eu acho que as subprefeituras têm um papel importante nisso, porque cada uma delas tem um representante da defesa civil. Então, lá estão os registros do que aconteceu naquele território. Então, isso pode ser recuperado e tratado para evitar que novas situações como essas aconteçam. E, finalmente, ainda sobre o seminário, eu tive acesso a esse seminário porque uma conselheira do Cades mandou para mim e, quando eu entrei, eu pude receber o link para ver depois. Gostaria de fazer a sugestão, porque eu achei realmente ele muito motivador e interessante, que o link, como é da secretaria um dos patrocinadores, pudesse disponibilizar esse link para o grupo do Cardes, que eu acho que vai ser bastante interessante. Para mim, fez muita diferença as informações que eu vi lá. E para finalizar, eu peço que a gente deixe ao final dessa reunião, aí nas mãos agora de todos nós, os senhores secretários, os coordenadores, da Laura, um encaminhamento, porque eu acho que a gente tem que aproveitar esse momento importante para deixar daqui alguns caminhos, ou grupos de trabalho, o que a gente entender que pode transformar isso aqui em ações concretas. Muito obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Fanny. O secretário Ravena, o senhor quer falar ou fica para o final.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Só para completar, que eu acho que eu esqueci... Falei demais e esqueci de chamar a atenção para dois pontos. Especialmente com relação a isso que a Fanny falou agora quanto aos alertas. Uma das ações que o Comitê de Emergência está fazendo e está... A SECOM pôs no ar a Secretaria de Comunicação do Município, pôs no ar essa semana um anúncio com relação a baixas temperaturas e umidades. Se eu não me engano, ele começou a ser veiculado segunda-feira. A Saúde e Educação estão usando as redes de cadastro, junto com a Secretaria de Tecnologia e Informação da Prefeitura, de soltar alerta para quem está cadastrado nas redes de atendimento médico da prefeitura e quem está cadastrado na rede da Secretaria da Educação, que são as duas maiores redes de cadastro de cidadãos da cidade. Então, alertas automáticos estão sendo emitidos por WhatsApp. Então, isso é importante que o Conselho saiba, que foi uma das decisões do Comitê de emergência, mas é importante que esse conselho saiba que essas ações estão sendo tomadas. Basicamente era isso que eu esqueci de falar. Tem essas duas ações específicas já encaminhadas e foi contratada uma campanha de publicidade, esclarecimento, que vai ao ar pelo rádio e pela televisão, começou essa semana.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, secretário Ravena. Agora, a palavra para Maria de Fátima, a Celina e, por último, o secretário adjunto Carlos Vasconcelos, e depois encerra com o Nalini e com o secretário Ravena. Então, já deixamos seguindo isso aí. Por favor, Maria de Fátima.

Maria de Fátima Saharovsky: Olá, bom dia. Prazer em estar aqui. Secretário Ravena e os participantes ilustres que eu encontro aqui. Eu represento a sociedade civil, eu sou aqui do extremo sul da cidade de São Paulo e participo da maioria dos conselhos ambientais aqui do meu território e do CADES Municipal, como Conselheira. O que eu quero dizer, morando e vivenciando a realidade local, nós estamos numa área, como todos sabem, que é uma área importantíssima para não só para São Paulo, como para grande São Paulo e litoral. Porque nós temos aqui os mananciais Billings e Guarapiranga, que são bacias. Nós temos aqui muita água. Temos aqui também os remanescentes da mata atlântica, que é um bioma importantíssimo também para manter a cidade menos aquecida, manter um clima mais ameno. Inclusive, aqui nós vivemos um outro clima, diferente da cidade. Então, eu vejo que nós temos tudo aqui. Nós temos um ar que é menos poluído por conta de toda essa biodiversidade, nós temos um solo fértil, a nossa água, nós produzimos água, produção de água para manter a cidade, e a nossa biodiversidade é reconhecida internacionalmente. Então eu vejo que todos esses elementos, eles devem, os elementos naturais, eles devem ser protegidos, conservados e restaurados. E nós fazemos aqui, dentro dos conselhos, dentro dos coletivos, dentro de tantas representações ambientalistas, cientistas, pesquisas, porque nós temos muitas pesquisas aqui na área, eu vejo que é muito diferente o nosso contexto da cidade de São Paulo. A cidade de São Paulo é o contrário, não tem árvore, o que tem é pouco, a biodiversidade está se acabando, a água é poluída, ou é enterrada, a impermeabilização do solo é praticamente, com uma incidência quase que total. E todos lutam para que volte a ter árvores, para que volte a ter o rio, para que se desentrem as nascentes etc. Tudo isso está sendo colocado hoje e por conta disso nós temos esse ar seco, nós temos os incêndios, enfim. Então, o que eu percebo como sociedade civil, falando assim muito empiricamente, porque é vivência, não é conhecimento científico, e eu tento estar sempre com vocês para aprender. Eu vejo o que falta na nossa cidade, por tudo que eu acompanho, é uma unidade de conduta, assim, tanto da sociedade civil, poder público e iniciativa privada. Nós não temos uma coesão, nós não temos uma linguagem. Porque, assim, cada um dá, faz, acontece, acontece de tudo e ninguém entende nada. Por quê? Porque ainda eu acho que nos falta, e isso não é culpa do governador, do prefeito, do presidente, isso já é uma situação que vem, e que desde 90 eu estou acompanhando isso, e parece que a gente não sai disso. Por quê? Eu acho que falta uma unidade de visão e de conduta que nos leve à proteção, conservação e restauração de tudo que nós conversamos aqui. Por exemplo, existe um problema num parque de drenagem. Então, toda a água é

captada ali e jogada na represa, só que essa água vem ajudante. E nós temos um sistema que não dá uma manutenção para esse local de captação. Então, o vertedor está rachado, existe o assoreamento no lago que capta todos esses recursos. A galeria lá de cima desabou. Então, em época de chuva, isso vira um caos para a população. Aí vem as enchentes, cai árvore, porque a árvore lá não tem uma manutenção adequada. Então, é tanta demanda, mas tanta demanda nessa cidade que vira assim uma pega. Todo mundo corre e faz o que pode. Só que não é isso que tem que acontecer. Esse lago precisa ser desassoreado, o vertedor precisa ser consertado, precisa da manutenção, precisa fazer o manejo das árvores. E tudo isso deveria ser um regramento geral na cidade. Estou dando esse pequeno exemplo. Então, eu vejo assim como todos os recursos que nós temos naturais na cidade deveriam ter um acompanhamento direcionado, mas de uma maneira que fosse... Está certo de que um é diferente do outro, um lugar é diferente, mas tem que ter uma conduta. Então, tem um incêndio. Como é que é esse incêndio? Essa semana eu fui lá para Parelheiros e tem focos e focos de fumaça. E como é que é isso? A gente liga para o 156, para o 150, liga para não sei quem. E aquilo. De repente vem, apaga, mas aí já queimou um monte de coisa. Então, quando tem incêndio, qual é o procedimento que na cidade precisa acontecer? E tem que ser o pronto atendimento, porque depois que queimou também não adianta muito. Então, é isso que eu vejo, nós precisamos ter uma coesão é todas as secretarias, da SABESP, (som ininteligível). Todas as Secretarias de Cultura, Educação, Meio Ambiente, a Subprefeitura. Nós temos que ter um elo em cada local falando a mesma linguagem, inclusive, com a população, que a população também não entende. A população está perdida, né? Então, eu vejo isso, não como uma crítica, porque eu sei que todos, todos, eu vejo que trazem soluções imediatas, soluções emergenciais para as questões, e está todo mundo trabalhando em muito. Só que a prevenção tem que existir, o planejamento tem que existir de uma forma não unilateral, cada um fazer o que achem que pode fazer naquele momento. Mas ter uma consistência de metodologias, de técnicas, porque está tudo levantado já, todos os recursos já foram analisados. Nós temos profissionais brilhantíssimos no setor público, privado e tal, mas as coisas ainda não estão conversadas entre nós todos, e não existe essa união para se fazer de uma maneira que seja eficiente, realmente, e que não seja emergencial, mesmo que venha um desastre. Por que o emergencial é o quê? É uma falta de técnica, porque não se tenta fazer emergencial. E o emergencial nunca sai tão bem como se houvesse já a prevenção, se houvesse um planejamento mais concreto, né? Desculpa eu me estender e desculpa pela minha... talvez eu não esteja nem falando uma coisa apropriada, mas é até um desabafo que eu estou fazendo hoje aqui em uma reunião tão importante quanto essa. Obrigada pelo espaço.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Maria de Fátima. Passo agora para a Celina e logo em seguida para o secretário adjunto, Carlos Vasconcelos, em seguida passo para as considerações finais para a Laura, o secretário Nalini e fechamento com o nosso secretário Rodrigo Ravena. Já vamos deixar organizado isso. Obrigada.

Celina Cambraia Fernandes Sardão: Oi, pessoal. Então, são muitos problemas mesmo. Mas o que eu queria ver assim, eu ando muito pela cidade, que eu ando a pé, e eu acho que tem um problema grave aqui com relação às calçadas que nos últimos anos são feitas, muito concretadas. A última, por exemplo, que eu ando ali na Avenida Santa Catarina, que é na Zona Sul, concretaram tudo, inclusive, os canteiros que tinham, onde tinha árvores, eles praticamente detonaram as raízes. Então, eu queria propor o seguinte, quem precisa ter palestras e começar a entender um pouco mais de verde, meio ambiente, seria o pessoal da SP Obras. Tanto os que fazem os projetos, como os engenheiros. E, principalmente, quando eles vão projetar alguma coisa, a Secretaria do Verde teria que ser ouvida. Então, o que acontece? Essa concretagem toda, eles acabam fazendo com que a cidade, essa parte da calçada que deveria ter árvores, fica difícil, porque agora vai, por exemplo, a Florestana vai fazer os plantios para quebrar, vai fazer no máximo 60 por 60. Esse concreto, por baixo, ainda tem entulho. Aí eles jogam um pouco de terra, a árvore que é plantada não vai crescer. Então, a proposta é o seguinte, a maior parte das calçadas que dê para fazer canteiros verdes, com plantas, pelo menos com uma forração (som ininteligível), que já vai segurar pelo menos essa água da chuva, já vai amenizar um pouco mais e eles sempre têm que deixar uma margem, pode deixar mais de 60 centímetros, a calçada é muito larga, deixe um metro, um metro e vinte, não precisa ter esse padrão de 60 por 60. Aí você tem que deixar claro também nos projetos que eles não podem deixar, faz essa abertura de canteiro, deixa reservado, mas é para colocar terra boa, não é para deixar entulho e jogar um pouco de terra em cima. Então, eu reforço, eu acho que a Secretaria do Verde tem que ter mais força de ser ouvida pelo pessoal da SP Obras ou pelas subprefeituras, que tem o pessoal da CPO, para eles entenderem que isso é importante, que, na realidade, são milhares de quilômetros que se poderia fazer de canteiro verde, que já vai segurar a água na chuva, vai ter condições de todas as mudas serem plantadas, vingarem e crescerem. Então, essa parte aqui eu vejo, a florestana, ela vem e faz um berço de 60 por 60. E tem umas calçadas largas que poderiam ser feitas esses canteiros. Que não precisa ter uma medida também até máximo 1 metro. Se a calçada tem 2 metros e meio e dá para você fazer 1 metro e 20 de canteiro, que seja feita. Não precisa ser tudo padronizado, né? Outra coisa que eu queria... até o terminal aqui da Água Espriada, onde tem uma praça que fizemos os plantios e eu estou cuidando, também o terminal foi... estão fazendo agora o ponto, tudo concretado. E outra coisa que eu queria sugerir, com relação aos que vocês estão falando, de colocar... para mim acho que seria interessante fazer pequenas fontes de água, já que a água vai ficar

sempre renovada, nas unidades do posto de saúde, fazer pequenas fontes ou médias e com plantas, que aí pelo menos também, porque com essa seca, até os passarinhos estão tendo dificuldade de encontrar água para beber. Então, dentro dos postos de saúde não vai ter depreação, não vão usar a fonte de maneira errada, e aí essas fontes poderiam também já ajudar a umidificar e já servir de educativa para as pessoas entenderem que, quando você tem uma fonte, a água vai estar sempre renovada. Ela vai estar em movimento, então não vai ter os mosquitos, os pernilongos não vão depositar ovos, né? Então, eu não sei se seria viável, mas acho que na cidade toda tem muitos postos de saúde que, pelo menos com plantas nativas, as pessoas tivessem já uma noção do que é o verde, porque tem áreas aqui que eu vejo de postos de saúde que também é tudo concretado. Então, são algumas sugestões. Eu tenho outras coisas para falar, mas como são muitos problemas, eu vou me ater só a esses dois.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Celina, parabéns pela iniciativa. O Sr. José Ramos também está aqui comigo, está dando os parabéns para você pela iniciativa disso aí. E o nosso conselheiro, que também, o (som ininteligível), também está dando aqui os parabéns pela sua iniciativa. Antes de eu passar a palavra para o nosso secretário adjunto, Carlos, aqui a Magali, ela colocou o secretário Ravena, no chat, que ela não levantou as mãos, mas está complementando a sua fala. Além das informações divulgadas, os agentes de saúde de epidemias vão começar a orientar a população por meio de folders nas visitas de casa a casa. E além de outras ações, é da Secretaria de Saúde. Então, respondendo também à Fanny que devido ela ter perguntado também da Secretaria de Saúde, mas temos aqui uma conselheira, a Magali. Obrigada, Magali, pela sua informação. Passo então a palavra agora ao nosso secretário adjunto, Carlos.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcelos - Secretário Adjunto: Bom dia a todos, bom dia secretário Ravena, já falei ainda há pouco, secretário Nalini. A Fanny estava falando sobre alertas, eu me lembrei que existe um alerta via SMS de desenvolvimento da Casa Civil do Estado de São Paulo, que é o 40199, basta mandar um SMS para o 40199 e passar a receber via SMS alertas de defesa civil em relação a chuva, baixa umidade do ar, incêndios etc. Então, para quem não conhecia, o 40199 é um serviço muito interessante. E salvo engano também tem um serviço que até é compartilhado aí nos serviços de streaming de TV a cabo que em casos muito emergenciais aparece uma faixa lá com alertas. Queria também aproveitar e chamar a atenção, a gente sempre gosta de jogar pedra, mas a gente também tem que olhar o que está sendo feito pela prefeitura. São algumas grandes conquistas que a prefeitura teve nos últimos anos, ninguém diz que a gente está parado, que não há coisa a melhorar. Tem sempre alguma coisa a melhorar e a prefeitura trabalha com isso. Mas lembrar do aumento da nossa cobertura vegetal para 54,8%, lembrando que o objetivo do G20, das 20 maiores cidades desenvolvidas no mundo é chegar a 30. A cidade de São Paulo tem 54,8% de cobertura vegetal. No começo do ano, a gente teve a DUP, o Decreto de Utilidade Pública da Prefeitura, aumentando, comprando 11% de diversas de áreas privadas, nessa área equivalente ao tamanho da cidade de Paris. No nosso plano existem muitos novos parques, aumento de ciclofaixas, jardins de chuva, calçadas verdes, troca de frota de ônibus até 2030, que tem sido limitada pela capacidade das indústrias de entregarem novos ônibus, ou seja, a indústria não produz o suficiente aquilo que a cidade de São Paulo está disposta a adquirir. E o plano de fazer a troca completa da frota de ônibus até 2030, o uso de energia solar em UBSs, em escola, pelo menos contribuindo para a redução de uso da rede elétrica padrão. Incentivo por parte do Estado de criação de novas linhas de metrô, reduzindo a quantidade de carros das ruas, Tarifa Zero, ou seja, a gente tendo linhas de ônibus com tarifa zero, a gente deixa de ter carros na rua, ampliação desse serviço, que é chamado de mães paulistanas. E mais importante, e que a gente está vendo aqui hoje, a importância do CADES dentro da política pública da cidade de São Paulo. Nós somos importantes, o que o nosso secretário fala, não existiria a Secretaria do Verde sem o CADES e a gente trabalha muito guiado pelas opiniões e pelas sugestões dos nossos conselheiros. A importância nos últimos anos da SECLIMA, da Secretaria de Mudanças Climáticas, que o nosso querido secretário Nalini já comentou que também está sendo Secretaria de Emergências Climáticas. E toda a nossa equipe, como a Laura e todos os nossos colaboradores aqui da Secretaria, que tem muito conhecimento técnico, para colaborar na mudança. Mas volto à importância do nosso Cades e até mesmo, por que não, criar grupos de trabalho para incentivo, para provocação da gestão municipal em relação a ações que podem ser feitas para melhorar. Muito a ser feito, mas a gente também não pode esquecer o que já foi feito e todo o trabalho que é feito diuturnamente pelas secretarias e pelo governo municipal, governo estadual também. Ou seja, aproveitar e desenvolver o nosso verde e melhorar a mudança climática na cidade de São Paulo. Era o que eu queria contribuir para a gente ter em mente e colaborar com o Verde, mitigar as mudanças climáticas negativas aí na cidade de São Paulo. Muito obrigado. Um abraço aí fraterno a todos.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, secretário Carlos Vasconcelos. Para considerações finais, então, eu passo a palavra para a Laura, logo em seguida para o secretário Nalini, e finalizando a reunião de hoje com o nosso secretário Rodrigo Ravena. E, Fanny, nós vamos estudar junto com o gabinete, junto com o secretário Ravena, um grupo de estudo, um grupo de trabalho para tratar desse assunto. Para não ficar sem a sua resposta. Laura, por favor.

Laura Lucia Vieira Ceneviva - Coordenadora de Mudanças Climáticas: Obrigada, Lili. Conselheiros, secretários, muito obrigada pela disponibilidade, iniciativa de promover essa discussão. Faço as considerações finais seguintes. Um, acho muito importante a fala da Celina, não foi a Celina, eu não me lembro mais o nome da pessoa. Maria de Fátima. Isso. Foi a Maria de Fátima que falou de uma narrativa conjunta necessária para que a sociedade consiga ter uma ordem de entendimento do que está acontecendo e do que está sendo feito. Acho superimportante essa consideração porque às vezes a prefeitura faz muita coisa e coisas de muita ousadia, e às vezes não consegue os devidos louros. Exemplo dessa desapropriação que o prefeito fez neste ano. E só para lembrar, o PLANCLIMA está organizado em cinco estratégias. Aliás, ele começa mencionando grandes passos que já foram dados, mesmo sem PLANCLIMA, sem SECLIMA, sem nada. E tentando fazer esse arranjo, o PLANCLIMA se organiza em cinco estratégias que objetivam o planeta, a sociedade, o indivíduo, ou seja, trata a questão de escala, os sistemas naturais, que na Estratégia Mata Atlântica precisamos de você, e os sistemas humanos, que gerar trabalho e riquezas sustentáveis. Então, eu diria que a gente tem um esforço, mas ainda estamos no afã de construir essa retórica necessária. Depois, para terminar a outra consideração final, adorei o que o Ravena falou da necessidade de mudar o projeto, porque isso significa usar o poder de compra da municipalidade. A hora que eu vou comprar um projeto, eu digo para o mercado de consultoria, mercado de engenharia, mercado do que seja, que eu quero uma coisa XPTO que vai avançar. Então, eu acredito que esse é o caminho. É o caminho por uma via que é também econômica e não estritamente ambiental ou regulatória. E eu acho que a pressão da sociedade civil para que todas essas transformações se implementem, por exemplo, a questão das calçadas suscitada pela Celina, a gente consiga atingir transformações de compreensão mesmo, do que seja o espaço urbano e do que sejam os serviços urbanos. E, por fim, lembrar que tudo isso só existe num contexto em que o papel da iniciativa privada é fundamental. Portanto, a gente tem que cobrar a iniciativa privada também e se gera lucro, gera exclusão e gera muitos dos problemas que hoje a gente vive. Então, esse caminho também tem que ser enfrentado. Ah, e por fim, nós como CADES Local, vamos devolver para o Conselho Nacional de Meio Ambiente as coisas que a gente enfrenta aqui, para que o Conselho Nacional de Meio Ambiente também de diretrizes para o Brasil inteiro por coisas que nos afetam. Obrigada.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, Laura. Secretário Nalini, por favor.

José Renato Nalini - Secretário de Mudanças Climáticas: Bem, eu gostei muito da reunião. Eu sempre aprendo ouvindo Ravena, Laura, Carlos Eduardo. Hoje aprendi bastante com a Fanny, com a Maria de Fátima, com a Celina, com o José Ramos de Carvalho. Então, aprendi com todos. E nós estamos bem conscientes da nossa responsabilidade. Nós estamos sempre imaginando como aprimorar essa estratégia de sistematizar o trabalho, de coordenar, de aproveitar esses espaços de sobreposição e fazer com que as atribuições sejam otimizadas. A SECLIMA está fazendo, está preparando um grande (som ininteligível) de tudo aquilo que São Paulo faz em termos de emergência climática, com os nomes de todos os cientistas, qual é o trabalho de cada um deles, quais as pesquisas que eles estão realizando, quais as pesquisas já realizadas, quais as empresas que fazem o quê. As entidades do terceiro setor, as associações, as ONGs, as fundações, nós temos um universo de pessoas preocupadas. Nós precisamos fazer com que nós trabalhemos mais unidos e que possamos contaminar essa parcela da sociedade civil que ainda não acordou. Mas eu acho que nós estamos no bom caminho. Essas ideias que são veiculadas aqui, elas são potencializadas, nós vamos examinar, nós vamos dar alguns passos e vamos continuar dependendo da participação de todos. Eu acho que cada um de nós precisa ser uma espécie de evangelizador da emergência climática, convencer as pessoas de que a coisa não é simples, é muito complexa, muito perigosa. Mas, como a Laura falou, se nós somos o problema, nós somos também a solução, nós temos de dar uma resposta. Vamos acreditar que vamos conseguir evitar um mal maior. Muito obrigado a todos e estou sempre às ordens para continuar a aprender com vocês.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada, secretário Nalini. Secretário Rodrigo Ravena, por favor, as considerações finais e o término da nossa reunião também. Obrigada.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena - Secretário: Bom, primeiro agradecer, cumprimentar todos e todas pelas contribuições, pelas falas, muitas das que foram trazidas aqui a gente vai levar para encaminhamento que é possível pela Secretaria, outras eu acho que a gente pode e deve encaminhar pelo CADES mesmo, eu acho que o Cades tem que marcar a posição, especialmente essa de levar para os conselhos superiores, tanto federal quanto estadual, os impactos que a cidade sofre sem ter cadeira ou assento em nenhum desses conselhos. É uma demanda antiga minha que a gente tenha assento nesses conselhos, mas até hoje nada. Então é importante, mas nós temos o CADES e o CADES pode encaminhar reivindicações como o Conselho da Cidade de São Paulo, a maior cidade da América Latina, a maior cidade do Hemisfério Sul. Então, tem um peso razoável, eu acho. Então, agradecimentos, um esclarecimento. Incêndio, qual que é? 153. É só ligar para 153. O registro é feito e o 153 encaminha a demanda para o setor competente, seja bombeiro, seja a brigada das secretarias, seja a brigada da Fundação Florestal. Existem equipes que se conversam.

A gente tem um WhatsApp permanente de contato de troca de apoio em ações de combate a incêndio florestal, no estado e especialmente na cidade. E aí, para dizer que eu conto com o CADES, para além dessa informação de utilidade pública, eu conto como secretário com o CADES para que a gente faça a difusão, que a gente faça o enfrentamento, e que mais que isso, que a gente faça debates que aprofundem o que a secretaria pensa. Nada do que vocês falaram deixa de estar no olhar e nos planos que a Secretaria elaborou. Todos eles fazem menção a tudo isso que foi falado por vocês. Mas o ponto principal é que o Conselho é a ferramenta da cidade para propagar essa missão que já melhorou muito. Eu vim para a Secretaria em novembro de 2015. É a primeira vez que eu sentei aqui e comecei a pensar em meio ambiente. Eu conto com o Conselho para difundir a importância de se ter meio ambiente como política transversal de todas as ações, seja da prefeitura, seja da iniciativa privada. Dizer que faz é bonito. Grudar num produto qualquer o selo de sustentabilidade porque fez tal e qual ação ambiental que impacta um mínimo desse tamanho, não sei se vale. E eu acho que a força do CADES é de propagar essa missão, como o professor Naline diz, evangelizadora. A gente tem que falar, falar, falar, falar, repetir, pedir, insistir e difundir a obrigação que todos nós temos de proteger o meio ambiente urbano e o meio ambiente não urbano e de melhorar a qualidade de vida nesta cidade. São Paulo é padrão e é vitrine. O que a gente faz aqui é replicado pelo Brasil todo. Então, esse conselho tem essa missão. O que o conselho faz é replicado e copiado pelos outros conselhos. Então, vocês têm uma importância fundamental e as ações em conjunto que a gente pode encaminhar são fundamentais para dar diretrizes até para o governo federal, até para que o Ministério do Meio Ambiente tome ações concretas de olhar por exemplo, para cidades que o Ministério do Meio Ambiente não olhava para cidades, começou a olhar agora, criou uma Secretaria Executiva de Meio Ambiente para cidades, que está promovendo aí uma campanha de cidades resilientes, olhando basicamente para as experiências que São Paulo e Curitiba têm, replicando experiências de São Paulo e Curitiba para as outras cidades do Brasil. É importante que tudo o que vocês falaram se concretizem, ofícios do próprio CADES, encaminhamentos da Secretaria, é importante que o CADES se fortaleça para que a Secretaria se fortaleça, para que as políticas de mudança climática se fortaleçam no âmbito da Prefeitura e na sociedade como um todo. O CADES não serve só para orientar a política pública, o CADES serve para difundir para a sociedade civil também o que é necessário para que a gente tenha um meio ambiente saudável, justo e que seja capaz de promover crescimento sustentável, emprego e renda para quem mora nessa cidade. Essa é a função desse conselho. É mais do que simplesmente olhar para um pedaço só da cidade, óbvio, ações pontuais são desejáveis, porque elas servem de exemplo, mas a gente tem que expandir essas ações pontuais com cobranças, com pedidos e com divulgação daquilo que a cidade está fazendo com o apoio desse conselho. Então, agradecer demais a presença de todos. Eu fiquei muito tempo afastado do conselho, durante dois anos eu presidi quase todas as reuniões, entre 2015 e 2016 eu presidi todas as reuniões do CADES, desde que eu voltei para cá em 2018 como chefe de gabinete e depois como secretário, só as duas ou três últimas eu tenho presidido, mas aqui o compromisso que eu estou assumindo é de, daqui para frente, estar em todas as reuniões, sejam elas ordinárias ou extraordinárias como essa. Por quê? Porque é importante que o secretário escute o que os conselheiros têm para falar. Vocês estão aí para contribuir para aquilo que eu não vejo, porque eu não estou em todo lugar, e para aquilo que eu preciso escutar como crítica ou como contribuição para aquelas políticas que a secretaria está implementando. Para terminar, e só para complementar o que a Laura disse com relação às DUPs, as DUPs foram publicadas e o prefeito já destinou, o prefeito Ricardo Nunes mandou a semana passada 530 milhões de reais para a Secretaria fazer a compra, começar a compra de metade dos terrenos que foram declarados de utilidade pública. Então a gente já começou, o primeiro que está saindo é o Parque Urbano Morro Grande lá na Zona Norte, uma região com pouquíssima cobertura vegetal, a despeito da Cantareira, ele está no miolo da Brasilândia, sem nada no entorno, só ocupação de cimento, então o parque é importantíssimo, que é o primeiro que a gente vai comprar, mas já estão aí com 210, 213 milhões encaminhados para (som ininteligível) e entrar com os processos de desapropriação e aquisição dos terrenos para a criação de áreas verdes no município, para preservação daquilo que sobrou. Isso é uma ação de adaptação? Sim. É um jeito de diminuir os impactos do crescimento da cidade e é um jeito de garantir para as futuras gerações que alguma área verde vai restar. Porque se nada fosse feito, ia restar nada. Então, é partir daqui e aumentar as ações, aumentar o empenho, aumentar a participação das deliberações do CADES, que aliás tomou uma importantíssima que foi determinar a inclusão da matriz climática no licenciamento ambiental. Então, como eu não dei os parabéns na época que vocês aprovaram isso, porque eu não estava na reunião, eu estou aproveitando a oportunidade para dar parabéns às conselheiras e conselheiros que aprovaram uma medida essencial para que a gente continue fazendo política pública com sustentabilidade. Obrigado. Dessa forma, dou por encerrada essa reunião e agradeço a todos. Boa tarde, bom almoço. Obrigado pela disposição, pela presença e pelas sugestões e contribuições.

São Paulo, 02 de outubro de 2024

RODRIGO PIMENTEL PINTO RAVENA

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

Documento: [111924476](#) | Comunicado

Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - CADES

269ª Reunião Plenária Ordinária

PAUTA

Dia: 16/10/2024 - Quarta-feira

Horário: das 10:00 h às 13:00 h

Reunião semi presencial - Prédio da SVMA, térreo - sala de reuniões

Online - Plataforma Microsoft Teams

EXPEDIENTE

1. Aprovação da Ata da 268ª Reunião Plenária Ordinária do CADES;

2. Posse do Conselheiro Suplente João Cesar Megale, representante da Coordenação de Fiscalização Ambiental - SVMA/CFA; da Conselheira Titular Aryhane Massita e Conselheiro Suplente Guilherme Del Nero Fiorellini, representantes do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia - CREA-SP;

3. Aprovação do Plano “Corredor Ecológico Norte da Mata Atlântica”;

4. Apresentação sobre as Unidades de Conservação Municipais pela Conselheira Maria de Fátima Saharovsky, representante da Macrorregião Sul 3;

5. Apresentação do Plano Hidroviário pelo Sr. Pedro Martin Fernandes, Presidente da SP Urbanismo e Sr. Wagner Isaguirre do Amaral, Diretor de Projetos.

RODRIGO PIMENTEL PINTO RAVENA

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

COORDENAÇÃO DE GESTÃO DE PARQUES E BIODIVERSIDADE MUNICIPAL

Documento: [111899253](#) | Despacho deferido

6016.2024/0102242-3

DESPACHO

1 - Com base nas informações prestadas pelos órgãos técnicos desta Pasta e, em especial, a manifestação conclusiva do Coordenador de CGPABI, em SEI [111898991](#), que adoto como razão de decidir, autorizo, o fornecimento das espécies e quantidades descritas na listagem exibida em documento [111810674](#) do processo SEI [6016.2024/0102242-3](#), nos termos requerido pelo interessado, que perfaz o valor total de R\$ 212,00 (duzentos e doze reais).

2 - Caso as espécies ou respectivas quantidades não estejam disponíveis para retirada na data agendada, estas poderão ser substituídas, de acordo com a disponibilidade em estoque e em comum acordo com a unidade solicitante, desde que dentro dos valores de referência.

3 - A presente autorização tem validade de 60 (sessenta) dias, a partir da publicação no DOC.

4 - Publique-se;

5 - A seguir, à SVMA/CGPABI/DPHM para ciência e devidas providências.

São Paulo, 07 de outubro de 2024.

RODRIGO PIMENTEL PINTO RAVENA

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Documento: [111923605](#) | Despacho deferido

6036.2024/0001861-8

DESPACHO

1 - Com base nas informações prestadas pelos órgãos técnicos desta Pasta e, em especial, a manifestação conclusiva do Coordenador de CGPABI, em SEI [111923345](#), que adoto como razão de decidir, autorizo, o fornecimento das espécies e quantidades descritas na listagem exibida em documento [111894239](#) do processo SEI [6036.2024/0001861-8](#), nos termos requerido pelo

interessado, que perfaz o valor total de R\$ 10.512,50 (dez mil, quinhentos e doze reais e cinquenta centavos).

2 - Caso as espécies ou respectivas quantidades não estejam disponíveis para retirada na data agendada, estas poderão ser substituídas, de acordo com a disponibilidade em estoque e em comum acordo com a unidade solicitante, desde que dentro dos valores de referência.

3 - A presente autorização tem validade de 60 (sessenta) dias, a partir da publicação no DOC.

4 - Publique-se;

5 - A seguir, à SVMA/CGPABI/DPHM para ciência e devidas providências.

São Paulo, 07 de outubro de 2024.

RODRIGO PIMENTEL PINTO RAVENA

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Documento: [111924406](#) | Despacho deferido

DESPACHO:

1 - Com base nas informações prestadas pelos órgãos técnicos desta Pasta e, em especial, a manifestação conclusiva do Coordenador de CGPABI, em SEI [111923378](#), que adoto como razão de decidir, autorizo, o fornecimento das espécies e quantidades descritas na listagem exibida em documento [111912277](#) do processo SEI [6018.2024/0100291-1](#), nos termos requerido pelo interessado, que perfaz o valor total de R\$ 2.251,60 (dois mil duzentos e cinquenta e um reais e sessenta centavos).

2 - Caso as espécies ou respectivas quantidades não estejam disponíveis para retirada na data agendada, estas poderão ser substituídas, de acordo com a disponibilidade em estoque e em comum acordo com a unidade solicitante, desde que dentro dos valores de referência.

3 - A presente autorização tem validade de 60 (sessenta) dias, a partir da publicação no DOC.

4 - Publique-se;

5 - A seguir, à SVMA/DPHM para ciência e devidas providências.

São Paulo, 07 de outubro de 2024.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Documento: [111899262](#) | Despacho deferido

DESPACHO:

1 - Com base nas informações prestadas pelos órgãos técnicos desta Pasta e, em especial, a manifestação conclusiva do Coordenador de CGPABI, em SEI [111898690](#), que adoto como razão de decidir, autorizo, o fornecimento das espécies e quantidades descritas na listagem exibida em documento [111808969](#) do processo SEI [6014.2024/0004782-0](#), nos termos requerido pelo interessado, que perfaz o valor total de R\$ 15.033,97 (quinze mil e trinta e três reais e noventa e sete centavos).

2 - Caso as espécies ou respectivas quantidades não estejam disponíveis para retirada na data agendada, estas poderão ser substituídas, de acordo com a disponibilidade em estoque e em comum acordo com a unidade solicitante, desde que dentro dos valores de referência.

3 - A presente autorização tem validade de 60 (sessenta) dias, a partir da publicação no DOC.

4 - Publique-se;

5 - A seguir, à SVMA/DPHM para ciência e devidas providências.

São Paulo, 07 de outubro de 2024.

Rodrigo Pimentel Pinto Ravena

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

EQUIPE TÉCNICA DE MANEJO

Documento: [111711973](#) | Despacho de Poda/Remoção de Árvore

Interessada: SVMA/CGPABI/DGPU - Parque Linear Itaim Paulista

Assunto: Solicitação de autorização para supressão de árvores em área interna pública, localizadas no Parque Linear Itaim Paulista, situado na Rua Marechal Tito; Rua Estevão Ribeiro Garcia; Rua Bento Gil de Oliveira

DESPACHO N.º 499 /2024